

ARTE

Fortaleza • CE • 4ª ed. dezembro/2018 • Trimestral

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS

ISSN 2525387-5
9 772525 387003
02018

ZENON BARRETO



Mais arte e cultura
para a sua vida.

Você mais Del Paseo



Bazar de Antiguidades
Todo sábado, das 10h às 22h.
Piso L3.



Baixe nosso aplicativo





VANDO
FIGUEIREDO
ARTISTA PLÁSTICO

CLAUDIO CÉSAR

4ª edição de um sonho bem sonhado, que ganha forma e conteúdo a cada passo. Percurso transitório é a vida. A arte nos confere de algum modo este contato com a eternidade. Com ela nos tornamos menos perenes, contamos em traços e cores, como nos escritos das cavernas, parte da nossa trajetória, da nossa aventura. Nesta revista de número 4, estamos muito bem acompanhados. É um indizível prazer colocar em evidência o trabalho de tanta gente que vive da arte e para a arte. Sem o fazer artístico a vida seria um grande exílio. Lembrança especial para o nosso Claudio César, que nos deixou nesse outubro. Nossa homenagem a ele que fica através de seus traços inconfundíveis e de sua arte imortal.

Boa leitura!



Capa: Estivadores
de Zenon Barreto (1963)
7,30 x 8,60 cm



Disponível também
em versão online



issuu.com/revistaarte

Revista Arte é uma publicação trimestral da BK Editora com curadoria de Vando Figueiredo / Fale com a redação: 85 3261.5066

ISSN 2525387-5

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR
Júnior Gomes

CURADORIA
Vando Figueiredo

CONSULTORIA DE ARTE
Ignês Fiúza

EXECUTIVA COMERCIAL
Líliá Quinderé

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mirtíla Facó - MTb 2803/CE

DIRETOR DE ARTE
Cláudio Queiroz

EDIÇÃO DE IMAGENS
Carlos Rios

FOTO CAPA
Chico Gadelha

REVISÃO
Juliana Gomes

IMPRESSÃO
Unigráfica

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCALA
PINTURA

FFR

#7

ESPEDITO SELEIRO

DE FILHO DO CRIADOR
DA SANDÁLIA DE
LAMPIÃO A MESTRE
DA CULTURA



#28

DESIGN POR MULHERES

RESGATE
MEMÓRIAS
PIONEIRISMO



#20

LUZ

STREET ART COM
FORTES TRAÇOS
DA CULTURA
NORDESTINA



#10

BRUNO PEDROSA

HÁ 50 ANOS
TRABALHANDO O
CONCEITO DE ARTE
LIBERTÁRIA



#32

IGNEZ FIUZA

UMA MULHER
REVOLUCIONÁRIA
E SEU PROFUNDO
PRAZER DE VIVER



#24

RENATO NOGUEIRA

HISTÓRIA DA
ARTE, FINITUDES
E RELEITURAS



#14

ZENON BARRETO

ELEMENTOS
TEMÁTICOS
ACOMPANHANDO
A EVOLUÇÃO
DO TEMPO



#36

DENISE MATTAR

RIGOR NA
INFORMAÇÃO E
MOSTRAS DEDICADAS
AO PÚBLICO COMUM



#49
AZUHLI
 DESCONSTRUINDO
 E RESSIGNIFICANDO
 A ARTE



#64
ISAAC FURTADO
 MEDICINA, ARTES
 PLÁSTICAS E POESIA

#40
ANTENOR LAGO
 TRABALHO
 CONTEMPORÂNEO
 E CONTEÚDO
 SIMBÓLICO



#58
URBAN ARTS
 ARTISTAS DE
 TODO O BRASIL



#52
JUSSARA REGÁS
 TRADIÇÃO FAMILIAR
 COM TOQUES DE
 MODERNIDADE



#66
**ROTEIRO
 DE ARTE**
 UM PERCURSO
 DE ARTE NA
 ITÁLIA

#44
LEO HENRIQUES
 A FOTOGRAFIA
 COMO FORMA DE
 VER E VIVENCIAR
 O MUNDO



#60
JAILDO MARINHO
 FORTALECENDO
 OS TRAÇOS DA
 IDENTIDADE
 NORDESTINA



#55
CARLOS LEBRAN
 CERÂMICA E
 ESCULTURA COM ALMA
 CONTEMPORÂNEA



#70
**MARCELO
 ARRAIS**
 EDITORIAL



UNIGRÁFICA

BookMaker

Cores
ganham vida!

Rio Grande do Norte • Ceará • Paraíba • Pernambuco • 84 3272.2751 / 85 99129.5784

ESPEDITO SELEIRO



FOTO JORGE FREIRE

DE FILHO DO CRIADOR DA SANDÁLIA DE LAMPIÃO A MESTRE DA CULTURA

Quando eu era criança, meu pai, Raimundo Pinto de Carvalho, contava que nos anos de 1930 tinha feito a sandália do Lampião com o solado retangular, para que não soubessem se o bando do cangaceiro estava indo ou voltando.

O cabra que foi encomendar quis pagar, meu pai soube que era para o Lampião e ficou tão assustado que não quis cobrar. Logo depois, como retribuição, o Capitão Virgulino mandou um punhal de presente. Eu o tenho guardado até hoje”. É exatamente com esse curioso depoimento que a história do tão conhecido Mestre Espedito Seleiro, filho de Raimundo, pode começar a ser contada. Nascido em Arneiroz, Ceará, em 1939, Espedito Veloso de Carvalho aprendeu o ofício de seleiro com o pai, quando ainda era bem pequeno. No início, o que era apenas brincadeira logo se transformou em profissão. “Quando meu pai faleceu (Espedito era o mais velho dos dez filhos) continuei o trabalho com meus irmãos, filhos e esposa. Fazia sela, gibão e tudo que o vaqueiro, o cigano e o tropeiro usavam.

Depois que tudo foi ficando difícil comecei a criar um estilo próprio que atendesse o público em geral”, revela. E foi exatamente esse estilo próprio que fez com que a marca Espedito Seleiro ganhasse o mundo, levando toda uma identidade e todo um rigor estético a se inserir e se consolidar fortemente no circuito fashion. Através de parcerias com marcas consolidadas nacionalmente, como a Farm, Cantão e Cavaleira, os assessorios voltados para o vestuário criados em Nova Olinda chegam ao eixo Rio/São Paulo, potencializando sua disseminação pelo país de uma forma geral. Um dos diferenciais na produção do artista é, certamente, sua inventividade.

Com o passar do tempo, Espedito decidiu, por conta própria, analisar pigmentos naturais e técnicas de tingimento de couro. Foi a partir dessa curiosidade que descobriu, por exemplo, que o angico tingem de marrom, o urucum traz o vermelho e a cinza da catingueira colore de branco. Com uma enorme diversidade de produtos, entre os quais: selas, gibões, chapéus, sapatos, sandálias, bolsas, mochilas, cangalhas, arreios em geral, linhas de móveis e decoração, a arte do Mestre Seleiro é conhecida por sua alegria e colorido, elementos herdados de uma admiração pela tradição cigana. Vestidos coloridos usados pelas moças em épocas juninas, leques

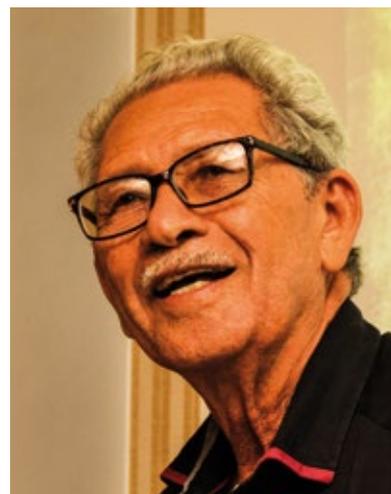


FOTO JORGE FREIRE

DESDE 2008, ESPEDITO SELEIRO É MESTRE DA CULTURA, RECONHECIDO OFICIALMENTE PELO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ E PELO MINISTÉRIO DA CULTURA

FOTO JORGE FREIRE



MOLDES



FOTO JORGE FREIRE

MEU CORAÇÃO COROADO

ciganos, nascer das flores e disputas de vaquejadas são algumas das percepções mais corriqueiras logo que nosso olhar se depara com alguma peça produzida por ele. Um dos símbolos mais representativos de seu trabalho são as famosas alpargatas, feitas à mão, com exclusividade e que levam cerca de dois dias para ficarem prontas. O desenho, o formato e o recorte do couro são os mesmos da época do seu pai, entretanto, com o acréscimo de algumas inovações nos detalhes. Com o intuito de perpetuar essa cultura, Seleiro decidiu fundar a Oficina Escola Espedito Seleiro e o Museu do Couro, pois como bem cita o Mestre artesão, ele já é a quinta geração da família

a trabalhar com o couro e ele pretende que esta tradição siga em frente. “A ideia da oficina foi para que o meu grupo de trabalho pudesse ficar mais próximo de mim e, assim, desenvolvermos um trabalho em conjunto. Já o memorial foi pensando em manter a história do vaqueiro e um pouco da história de Espedito Seleiro”, explica. Desde 2008 é Mestre da Cultura, reconhecido oficialmente pelo Governo do Estado do Ceará e pelo Ministério da Cultura; em 2011 recebeu pela ordem do mérito cultural na classe de Comendador mais um reconhecimento do país que a cada dia o respeita e admira mais; e, no ano de 2017, recebeu o título de Notório Saber pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), reconhecimentos que confirmam suas aptidões e habilidades e, conseqüentemente, o sucesso da sua obra. Atualmente, em paralelo ao seu dia a dia no ateliê, entre inúmeros moldes e peças, Mestre Espedito Seleiro se divide entre os muitos convites para bate papos em eventos culturais, rodas de conversa, noite de autógrafos do livro publicado sobre sua vida e obra intitulado “Meu Coração Coroado”, exposições sobre seu percurso e lançamentos em torno do seu universo criativo. Espedito Seleiro leva as cores e formas geradas em Nova Olinda para além das fronteiras, destino natural das criações deste legítimo artesão que na verdade nasceu para ser Mestre.

BRUNO PEDROSA

HÁ 50 ANOS TRABALHANDO O CONCEITO DE ARTE LIBERTÁRIA

"Minha arte é desvinculada de temas. Procuro ser espontâneo, emotivo e livre. Não acho que a cada quadro devo vincular um texto elucidativo como se faz com remédio. Para mim, quando a arte necessita ser explicada, perdeu sua capacidade comunicativa". É exatamente desta forma que Bruno Pedrosa, um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros caracteriza seu trabalho. Nascido em 1950, na fazenda Catingueira, sertão brasileiro, Bruno começou a esboçar os primeiros desenhos com apenas cinco anos de idade. Segundo conta, eram tentativas de fazer figuras representando as bonecas da irmã. "Era uma forma de captar a imagem, como toda criança procura fazer, sem a consciência nem o desejo de fazer arte; era uma forma de comunicar-se", recorda.

“

NÃO SAÍ DO SERTÃO
PARA ESQUECER TUDO
ISSO, SAÍ PARA ESTUDAR,
PARA DESENVOLVER
MINHA ARTE, NÃO PARA
ESQUECER MINHA
HISTÓRIA

”



JOIE DE VIVRE SP OST / 130 X 100 CM / 2018



AURORA AD ASOLO SP OST / 100 X 130 CM / 2018

A decisão de trilhar o caminho artístico só veio muito tempo depois, aos 16 anos e já realizando os estudos em Fortaleza. A ideia de se dedicar a arte foi fortalecida logo que surgiu a oportunidade de se mudar para o Rio de Janeiro para cursar a Escola Nacional de Belas Artes da UFRJ. De acordo com ele, em meados de 1968, porém, o mundo estava desmoronando na vida política, cultural, artística e social do Brasil. “Procurei tirar o melhor daquele caos. Não foi nada do que imaginava antes de sair do Ceará. De qualquer maneira, alguma coisa de positivo ficou e por conta própria consegui suprir as falhas”, revela. Em 1976, a vida de Bruno ganha um novo capítulo logo que ele decide entrar para a comunidade do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. “A decisão veio em consequência de uma necessidade de paz interior, de refletir sobre a vida e encontrar-me comigo mesmo.

“NÃO SOU UM ARTISTA DE VANGUARDA, NÃO ME PREOCUPO COM ISTO. MEU TRABALHO É FEITO COM TRANQUILIDADE E CONSCIÊNCIA”



DANCING IN THE DARK INVOST / 100 X 80 CM / 2018

Vivi na clausura por 5 anos e foi um período muito importante para a minha estruturação emocional”, relembra. Pintor, desenhista e escultor, Bruno Pedrosa mora há 30 anos na Itália e foi lá que sua arte passou a ser cada vez mais reconhecida e admirada, chegando a galerias de todos os países da Europa ocidental, e alcançando, também, outros continentes. Com relação à pintura e ao desenho, Bruno já experienciou todas as técnicas, da xilogravura ao óleo, passando pelo desenho a nanquim, pastel, litografia, gravura em metal, etc. Na escultura, seu grande fascínio é o mármore de carrara. Ao longo dos anos o artista também produz utilizando como matéria-prima ferro, madeira,

“

APESAR DE VIVER MUITOS ANOS NA ITÁLIA, AINDA É POSSÍVEL OBSERVAR EM SEUS TRABALHOS TRAÇOS DO NORDESTE

”



BRUNO PEDROSA NOS FAZ CRER QUE A ARTE TEM O PODER DE ROMPER E ULTRAPASSAR BARREIRAS GEOGRÁFICAS

bronze e papel. Apesar de viver muitos anos na Itália, ainda é possível observar em seus trabalhos traços do Nordeste. “No início, quando decidi pela arte, minha ideia era que todo o meu trabalho teria uma ligação direta com minhas raízes. Fazia arte figurativa e minha temática, pensava eu, seria sempre o sertão e o povo que vive lá. Com o passar dos anos, caminhando para uma linha informal, do sertão me sobraram as cores, quentes, expressivas, que penso, de certa maneira, ainda serem minhas”, assevera. Atualmente, continua um homem do sertão e as cores, por sua vez, ficam mais delicadas e diluídas em

tons e linhas representando a realidade. Recentemente, Bruno realizou uma exposição em Lisboa. No primeiro semestre deste ano, em comemoração aos seus 30 anos de trabalho na Itália, o Governo Provincial do Veneto patrocinou e organizou uma grande exposição, reunindo trabalhos de diversos colecionadores italianos. Ainda em 2018, o artista realizará exposição em Barcelona. Ou seja, com tudo isso fica claro que Bruno Pedrosa é desses nomes que enchem o Brasil de orgulho e, principalmente, que nos fazem crer que a arte, realmente, tem o poder de romper e ultrapassar barreiras geográficas.

ZENON BARRETO

ELEMENTOS TEMÁTICOS
ACOMPANHANDO A
EVOLUÇÃO DO TEMPO



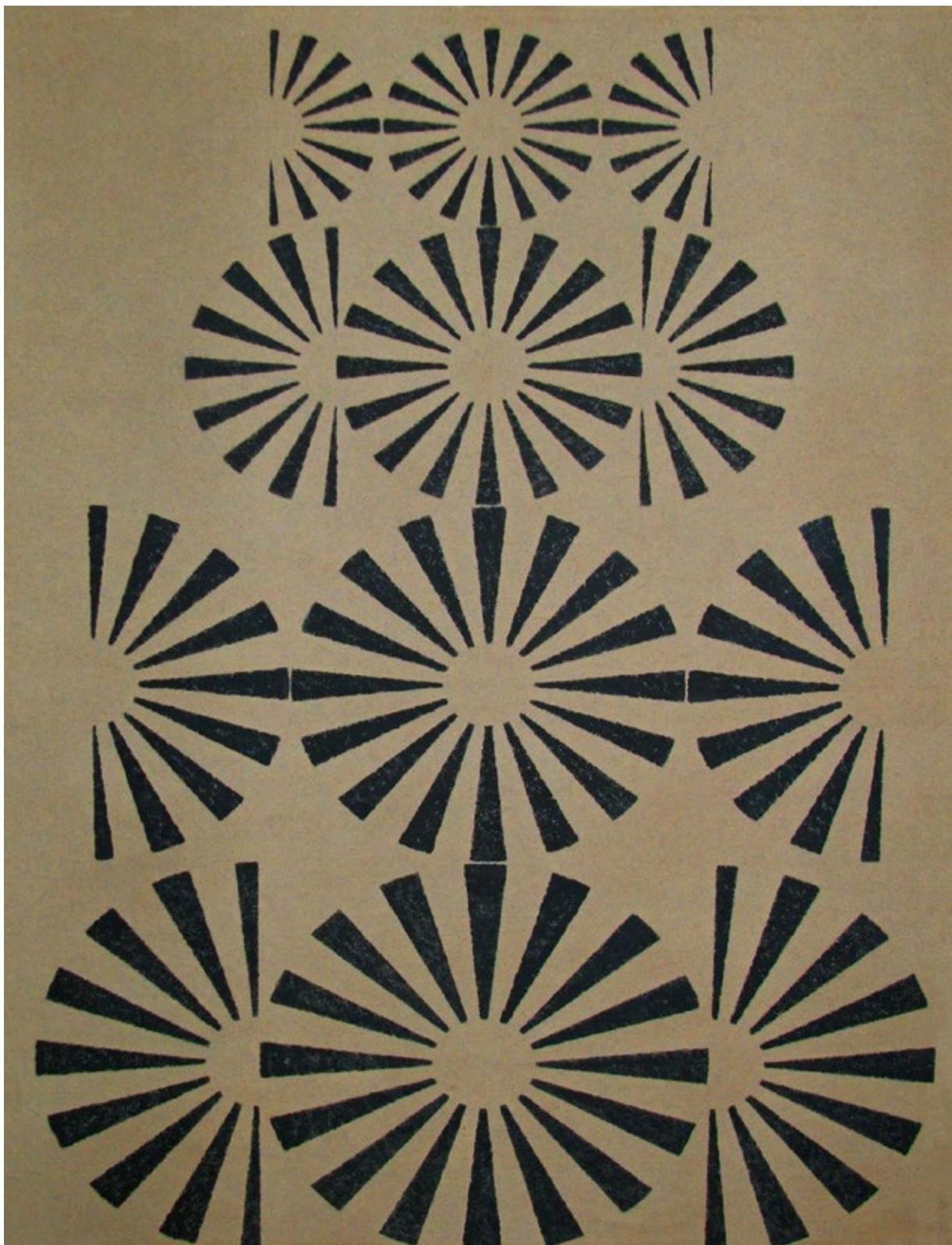
PAINEL DA TELEFONIA PASTILHAS DE PORCELANA / 10 x 2 M / 1971

Zenon da Cunha Mendes Barreto nasceu no município cearense de Sobral em 31 de dezembro de 1918, e, assim como alguns dos principais nomes do cenário artístico, iniciou de maneira autodidata. Além da pintura, também se dedicou ao desenho, escultura, cenografia, ilustração e xilogravura, sendo reconhecido como um dos maiores representantes das artes plásticas do Ceará.

“

QUANDO QUESTIONADO DE ONDE VINHA SUA INSPIRAÇÃO, O ARTISTA RESPONDEU QUE ERA A PRÓPRIA VIDA, EM SEU SENTIDO MAIS AMPLO E REAL

”



CATAVENTO NO ESPAÇO 85 x 65 CM / 1982



Logo que chegou a Fortaleza, passou a se dedicar ainda mais fortemente ao mundo da arte. No ano de 1949 ingressou na Sociedade Cearense de Artes Plásticas - criada em Fortaleza, em 1944, com papel de destaque na afirmação da arte moderna no Estado. Uma das principais características de Zenon foi o desprendimento a um estilo único, ou seja, seu trabalho passou por diversas fases, todas, no entanto, com destaque e enorme brilhantismo. De início, tinham um caráter fortemente expressionista, com muitas cores e recorrentes temas humanos. Posteriormente, na busca por uma maior qualidade dramática, passou a deformar as figuras humanas, seguindo a mesma linha de nomes como: Picasso, Portinari e Di Cavalcanti. Tempos depois, percebeu a necessidade de se dedicar mais ao fazer artesanal, utilizando o espaço com um maior rigor estético-formal e usando cores mais puras e chapadas. A fase abstrata também foi percebida ao longo da carreira. Nela, apenas conceitos e ideias eram apresentados, isto é, os objetos não eram mostrados em sua forma concreta. Ainda seguindo a linha do abstracionismo, os temas assumiram um viés de obra de arte independente, sem identificação com nenhum modelo específico. Diversas foram as ocasiões em que o artista foi questionado de onde vinha sua inspiração.

“

UMA DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE ZENON FOI O DESPRENDIMENTO A UM ESTILO ÚNICO, OU SEJA, SEU TRABALHO PASSOU POR DIVERSAS FASES

”

MONTAGEM COM ESTRIBOS II
40 x 20 CM / 1983



GERMINAL
ESCULTURA
60 x 40 CM

E, na grande maioria delas, respondia que era a própria vida, em seu sentido mais amplo e real. Certa ocasião, durante uma entrevista concedida ao jornalista Mário Pontes, Zenon ressaltou: “Com frequência, porém, inspiro-me (embora considere a palavra perigosa) na paisagem e nos tipos humanos do Nordeste; capto o que tem de plástico e desprezo inteiramente o anedótico”. Zenon sempre foi reconhecido e aclamado por seus traços firmes, ao mesmo tempo simples e extremamente arrojados e precisos. Ao longo da carreira, ministrou cursos de desenho, produziu documentários (um deles com xilogravuras de arquétipos humanos nordestinos acompanhadas de poemas assinados por cordelistas cearenses e outro, também com xilogravuras, com prefácio

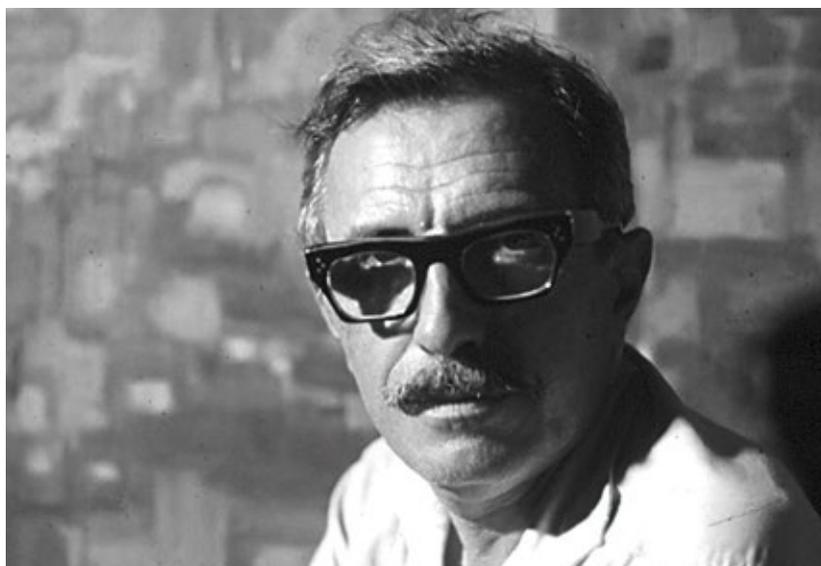


ZENON SEMPRE FOI RECONHECIDO E ACLAMADO POR SEUS TRAÇOS FIRMES, AO MESMO TEMPO SIMPLES E EXTREMAMENTE ARROJADOS E PRECISOS



do inesquecível Patativa do Assaré), coordenou a restauração da Casa José de Alencar e, no Theatro José de Alencar, realizou trabalhos como figurinista e cenógrafo. Além disso, participou e foi laureado em alguns dos mais expressivos eventos do segmento, a citar: Salão de Abril, Salão de Arte Moderna, Bienal Internacional de São Paulo, Panorama de Arte Atual Brasileira e Salão de Artes Plásticas do Rio Grande do Sul. Suas obras estão presentes em locais como: Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; Vitral da Fundação Álvaro Penteado, em São Paulo; Palácio da Abolição; Paço Municipal de Fortaleza; Museu de Arte da UFC; Museu de Arte Contemporânea do Ceará; Universidade de Fortaleza; sede do Banco do Nordeste, em Fortaleza, e, ainda, na sede

da Embaixada do Brasil, em Londres. Como obras públicas, em Fortaleza, tem destaque a escultura Iracema, hoje intitulada de Guardiã, localizada no Aterro da Praia de Iracema, projetada em 1965 e executada em 1996. Também se destacam o painel Estivadores (1963), localizado no edifício onde funcionava o Centro dos Exportadores do Ceará; o painel na fachada do Mauc UFC; o painel Telefonía (1971), localizado na rua Sena Madureira, e o mural Trabalhando no Campo (1960/1961), localizado na Procuradoria Geral do Estado do Ceará. Zenon Barreto faleceu em Fortaleza, em 18 de janeiro de 2002. Seu legado, entretanto, continua a ser perpetuado, com reconhecimento e destaque, inclusive ocupa espaço importante na memória afetiva da população cearense.



ZENON BARRETO
É CONSIDERADO
UM DOS MAIORES
REPRESENTANTES
DAS ARTES
PLÁSTICAS DO
CEARÁ

— SPAZIO —



CURADORIA
ARTE+DESIGN

— SCULPT —
GALERIA

SPAZIO & SCULPT
Rua Paula Ney 650

SPAZIO
Av. Padre Antônio Tomas 2288

@spaziodecor

LUZ

STREET ART COM FORTES TRAÇOS DA CULTURA NORDESTINA

É praticamente impossível passar por algum dos trabalhos de Gleison

Araújo, o artista plástico Luz (nome escolhido por ele por ter um sentido de criatividade, de momento de inspiração), e não se encantar pelos traços marcantes, cores vivas e riqueza de detalhes.

Nascido em Fortaleza, no bairro das Cajazeiras, ele conta que foi o único da família que optou por seguir o caminho da arte. “Não tenho artistas na família e não recebi muito incentivo. Achavam que isso era um hobby, apenas”, afirma. A aptidão, no entanto, vem desde muito cedo. Segundo Luz, um dos passatempos preferidos era passar as tardes desenhando nos cadernos da escola. Para ele, tudo servia de inspiração. “Eu desenhava tudo que havia no meu universo: tênis, caminhão, árvores, coisas que via no jornal. Nessa época, já ganhava alguns concursos de desenho na escola. Essa era a minha maior habilidade”, relembra. Apesar de muito reconhecido e admirado pelo trabalho com o grafite, Luz chegou a experimentar, durante sua trajetória, fotografia, ilus-



tração, quadrinhos e técnicas de pintura a óleo. “Acho que a força do meu trabalho veio dessas experiências múltiplas e do domínio de muitas técnicas”, assevera. A ilustração, conforme revela, foi a primeira técnica e foi a base de tudo. Os quadrinhos e o grafite, por terem muito em comum, cresceram em paralelo. A fotografia, por sua vez, veio de uma necessidade de apurar o olhar



LÜZMAN STREET ART / 2010



URBAN SCULPTURE / 2016

sobre o que é inspirado em cenas cotidianas. “Uso todos esses conhecimentos como ferramentas. Isso deu originalidade e verdade ao meu trabalho”, diz. Com os estudos realizados em diversas técnicas, Luz rapidamente adquiriu experiência. No entanto, no ano de 2010, decidiu que precisava lapidar seu talento. Foi nesse momento que optou por estudar Desenho e Pintura na Universidade de Fortaleza (Unifor). “Eu conhecia o professor Edu Oliveira, e, a convite dele, fui participar de um grupo de estudo. Foi uma experiência muito feliz que me mostrou nortes determinantes no que faço hoje”, ressalta.

LÜZMAN STREET ART B&W / 2018



FESTIVAL CONCRETO / 2017



MOS - PRISTINE - KOSOVO / 2018



LÜZMAN STREET ART / 2017

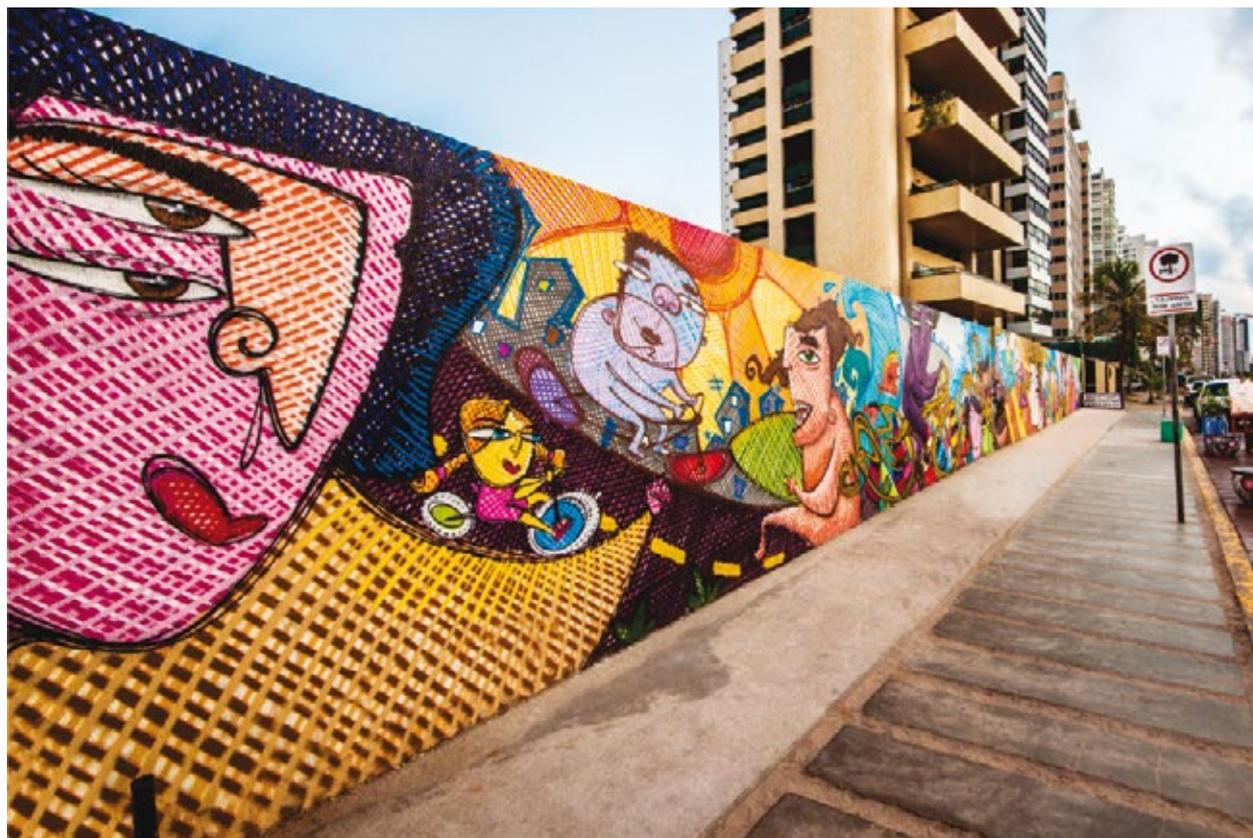
Logo que concluiu o grupo de estudo na Unifor, somado a alguns experimentos realizados na rua, a curiosidade de Luz foi despertada para a arte urbana. Segundo recorda, durante um período, quando mais jovem, para pagar as despesas com cursos, costumava pintar letreiros em fachadas e muros. “Por essa razão, eu sempre digo que a rua já era um ambiente familiar para mim”, afirma. Paul Klee, Klint, Georges Braque, Millôr Fernandes, Roy Lichtenstein e Andy Warhol estão entre suas maiores referências artísticas.

Os temas escolhidos para seus trabalhos são altamente subjetivos. A razão, conforme conta, está no fato de que sempre apresentam o momento em que está, o que vive, o que vê e o que sente. “São experiências pessoais trazidas de viagens ou do meu universo familiar. O que tem em comum entre todos é um sentimento de alegria, porque é assim que desejo a vida”, revela. Com talento reconhecido no Brasil e fora dele, Luz participou, este ano, do festival internacional Meeting of Styles, de Kosovo.

“ AO PINTAR MEU
UNIVERSO E
COMPARTILHAR NA
RUA EU GARANTO
VIDA A ELES ”

Em 2017, a participação no festival Concreto, com intervenção no Dragão do Mar, em Fortaleza, marcou um elo com a cena local. A primeira exposição individual ocorreu em 2015, na Kaleidoscópio Studio. “Algumas exposições como da Galeria Vicente Leite, Unifor e Palácio da Abolição também foram importantes para mim, pois firmaram o potencial que a arte urbana tem na nossa cidade”, orgulha-se. Atualmente, Luz vem se dedicando ao Projeto Maré - Movimento de Arte de Rua Espontânea. Nessa ação, painéis de grandes dimensões têm sido instalados nas ruas do bairro Varjota. “O objetivo é trazer a arte urbana de forma mais massiva nos bairros de Fortaleza, para transformar os locais hoje esquecidos pelas pessoas”, relata. O grafite, de acordo com ele, está em extrema ascensão, sendo hoje valorizado mundialmente. “Nossos artistas são referência e se destacam pela originalidade e inovação. Acredito que temos potencial para ser um país que pode agregar os principais movimentos e eventos de grafite do mundo”.

“
ACHO QUE A FORÇA
DO MEU TRABALHO
VEIO DESSAS
EXPERIÊNCIAS
MÚLTIPLAS E DO
DOMÍNIO DE MUITAS
TÉCNICAS
”



LÚZMAN STREET ART / 2015

RENATO NOGUEIRA

HISTÓRIA DA ARTE, FINITUDES E RELEITURAS

José Renato Cirino Nogueira Junior é dono de uma mente inquieta e de um talento admirável. “A Arte significa, para mim, um grito inconsciente contra a finitude. Fazer Arte é, acima de tudo, revoltar-se contra a realidade inescapável do fim. Toda arte é, ainda, releitura”, afirma. Nascido em 17 de julho de 1973, o cearense Renato Nogueira iniciou os estudos artísticos em São Paulo, em 1991, logo que entrou no curso de Desenho Industrial (com habilidade em Programação Visual), na Universidade Mackenzie. No ano seguinte, ingressou no curso de Artes Plásticas da ECA-USP, para obter o bacharelado em Gravura. “Abandonei os dois cursos em meados de 1994 e decidi retornar a Fortaleza”, relembra. Talvez essa decisão tenha sido crucial para que Renato Nogueira pudesse dar forma a seu trabalho, fazendo-o conhecido do público.



BLUE IN GREEN



FONTE

“

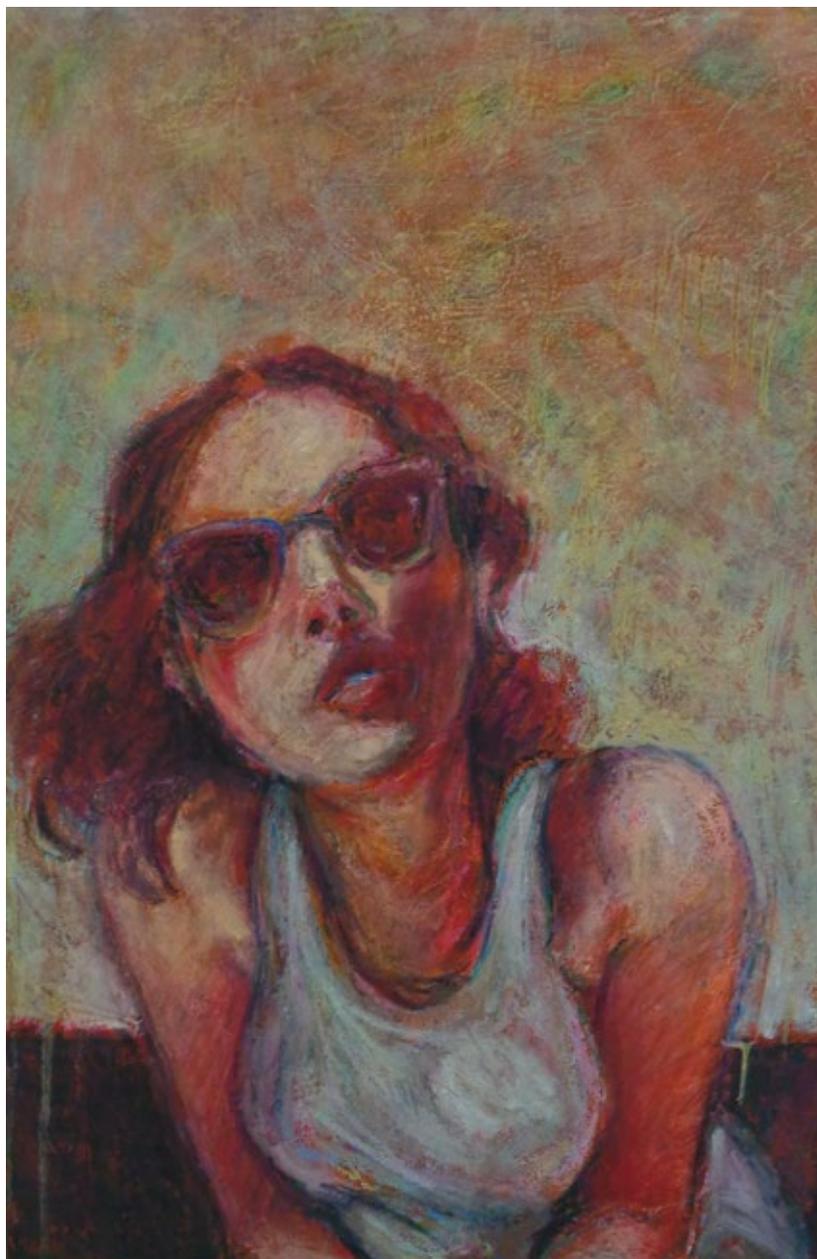
SIGO TESTANDO,
TENTANDO,
ERRANDO,
BRIGANDO E, NESTA
TOADA, VOU ATÉ
ONDE DEUS QUISER.
ESTOU EM TODOS
OS LUGARES E EM
LUGAR ALGUM

”

Em meados de 1995, decidiu cursar Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). A partir de então, atuou nas mais diversas áreas: projetos em escritório próprio, trabalhou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em várias ocasiões, foi três vezes Consultor da UNESCO para apoio Técnico à Instituição, e ainda foi professor de cursos superiores. Apesar da forte dedicação à área da Arquitetura, nunca abandonou as pesquisas pictóricas. Conforme revela, jamais deixou de desenhar e, sozinho, aprendeu as mais diversas técnicas de pintura, dentre as quais a acrílica, o óleo e o pastel. “Desenvolvi um método particular para trabalhar cada

uma destas técnicas e sigo, até hoje, procurando novas formas de utilizar e de misturar esses materiais”, diz. Uma das principais características de seu trabalho é a liberdade com que é realizado. “Costumo dizer que o meu trabalho é um constante diálogo com a arte de todos os lugares, de todas as épocas e de todos os tempos. Estou ancorado na produção dos que vieram antes de mim, ou dos que estão fazendo arte hoje”. Renato Nogueira realiza os trabalhos em séries, enaltecendo aspectos específicos de um artista e de sua obra, como as cores, as técnicas pictóricas e as estruturas compositivas. “Cada série leva o nome de quem a inspirou. Existem, portanto, a Degas, a Vincent, a Anima (baseada principalmente na obra do Pintor americano Michael Carson e dos escritos de Carl Gustav Jung) e a Redon”, assevera. Apropriando-se figurativamente desses mergulhos artísticos, José Renato procura adicionar elementos simbólicos

e extrair, de cada um deles, particularidades. “Cada imagem gerada é um símbolo que representa um tom do grito inconsciente. Se essa imagem foi gerada por mim é porque a imagem na qual me baseei comunicou-se comigo e acabou por tornar-se minha. Expressou-se, enfim, por mim. Em cada uma, procuro adicionar um elemento que caracteriza o ato da apropriação simbólica”, explica. Ao longo dos anos, o artista vem participando de importantes exposições e ganhando, cada vez mais, notoriedade no segmento da arte.



WHAT'S UP

“

VOU EXPLORANDO
OS CAMINHOS;
BUSCANDO NOVAS
VEREDAS. A ARTE É
A MINHA PÁTRIA E O
MEU LAR...

”



AGIL

Você escolhe o local.
Nós o transformamos
em um evento

Inesquecível



Você pode ter toda a sofisticação e exclusividade do menu assinado pela **Chef Camila Câmara** em qualquer lugar da cidade, inclusive na sua casa. Solicite um orçamento e prepare-se para receber muitos elogios.

Casamentos | **15 Anos** | Aniversários
Natal | Réveillon | **Eventos Empresariais**

Frei Mansueto, 1015
☎ **85 99924.1116**
85 99916.2000

— ESPAÇO —
**FASHION
GOURMET**

DESIGN POR MULHERES

TANIA VASCONCELOS E CATARINA ALENCAR

RESGATE MEMÓRIAS PIONEIRISMO

REGISTRO TANIA VASCONCELOS



PAINEL DE APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

exposição concebida por meio de um Projeto de Extensão Universitária do curso de Design da Universidade Federal do Ceará, se concretizou por meio de profundas pesquisas, muitos nomes e uma imensa vontade de desbravar a história de mulheres no universo do Design. Exibida por mais de três meses no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC, sua primeira edição, que também itenera por cidades do Ceará com programação para estar presente em cidades do Nordeste, do Brasil e com expectativas de chegar além das fronteiras do país, vai bem mais além ao fundamentar um grupo de pesquisadoras. No sentido da partilha da vivência de ser mulher-designer, a investigação contestadora iniciada e proposta pela discente Catarina Alencar nasceu de uma inquietude por começar a explorar uma história não contada, de ouvir e compartilhar o relato feminino em um universo no



REGISTRO VIKTOR BRAGA

EVENTO DE ABERTURA DA EXPOSIÇÃO AO PÚBLICO

“

A EXPOSIÇÃO SE CONCRETIZOU POR MEIO DE PESQUISAS, MUITOS NOMES E UMA VONTADE DE DESBRAVAR A HISTÓRIA DE MULHERES NO UNIVERSO DO DESIGN

”

qual essas vozes foram minimizadas: o registro do Design brasileiro. A pesquisa, como um todo, buscou resgatar a memória das mulheres pioneiras no Brasil e contá-la no sentido inverso do que estava posto, revelando presenças singulares que não haviam sido estudadas, catalogadas e nem mesmo levadas a público. Nas mãos articuladoras de Tania Vasconcelos, arquiteta e urbanista, coordenadora do Projeto, docente do curso e produtora de exposições, o pensamento e marco teórico tomaram forma de projeto expográfico, construído dentro do espaço de mostras de curta duração, utilizando o Design como um meio de aproximação entre a comunidade e o Museu, além de despertar uma discussão acerca da igualdade de gênero e o ofício do designer. Esta proposta de desmembramento de pesquisa realizada em equipe formada por professoras e alunas do curso, com curadoria das professoras e pesquisadoras das áreas das Artes e do Design, Luciana Eloy e Cláudia Marinho, apresenta o interesse de investigar a gênese do Design nos movimentos de vanguarda moderna do século XX, e se concretiza, buscando um retrato inicial da participação da mulher nessa área, sua evolução e seus desdobramentos, e almeja na

sua essência, além de descobrir uma imagem da participação feminina, dar visibilidade à mulher designer ao partilhar conhecimento e proporcionar uma experiência a todos que se permitirem fluir pelas trajetórias apresentadas e entrelaçadas entre si. Apesar de seu caráter multidisciplinar e politicamente engajado, durante toda a história do Design brasileiro houve uma predominância masculina nas salas de aula, nos museus e até mesmo nos escritórios. Durante décadas, foi sendo estabelecido um padrão projetual por gerações de profissionais masculinos, com bases teóricas ancoradas

em pensamentos advindos do Futurismo, da Bauhaus e da Escola de Ulm. No entanto, na contramão do que está catalogado nos registros bibliográficos, as mulheres sempre fizeram parte dessas construções desde o início, atuando enquanto alunas, professoras e profissionais; porém isto não é o que está em questão, mas sim a visibilidade e o reconhecimento dado pelo mercado e pela academia a elas como produtoras de discurso, história e cultura... objetivo da exposição. Diante dos universos expostos, através das nove designers contempladas neste primeiro momento, e que tiveram seus repertórios apresentados estruturando dois eixos: um de caráter mais histórico gerando um grupo intitulado “pioneiras”, composto por Bea Feitler, Emilie Chamie, Lina Bo Bardi e Lygia Pape, inovadoras no Design que ressaltam o editorial, o gráfico, o produto, a expografia, o corporativo e a embalagem; enquanto o outro eixo: das “contemporâneas”, apresenta os nomes de Bebel Abreu, Cyla Costa, Fátima Finizola, Joana Lira e Paula Dib, propiciando um diálogo com as pioneiras através do editorial, da expografia, do Lettering, da tipografia e do Design social, permeando desta forma e apresentando ao amplo público diversas vertentes do Design.

REGISTRO TANIA VASCONCELOS



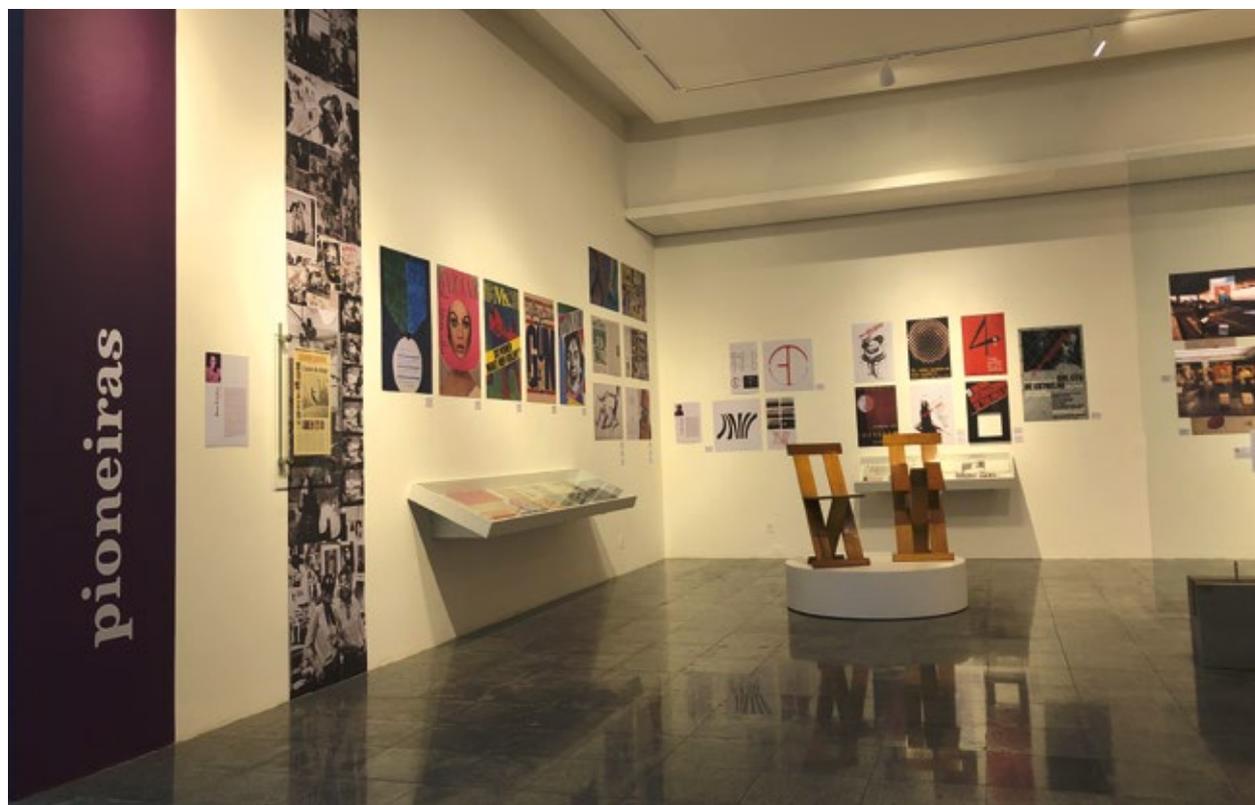
VISTAS DAS SALAS DE EXPOSIÇÃO

Na abertura contamos com a presença da designer Joana Lira que claramente transmitiu sua satisfação ao encontrar uma mostra apresentando um repertório feminino dentro do universo do Design, e destacou a importância de se ressaltar a produção das mulheres designers. O projeto extensionista ainda proporcionou uma relevante troca de experiências e trajetórias de Joana Lira com os alunos do curso de Design e um público maior interessado no seu percurso, um curso de expografia ministrado por Bebel e Manaira Abreu, além de uma pretensa roda de conversa entre Cyla Costa e a comunidade universitária que se transformou

em uma bela apresentação da produção realizada até então pela designer com ênfase no Lettering; provocando desta forma o diálogo entre a universidade, as práticas profissionais e a comunidade, trazendo à tona as multiplicidades de atuação das designers, apresentando

conceitos, pensamentos, linguagens e projetos que remetem à universalidade. Deste modo concretiza-se, de forma e caráter didático, uma exposição de natureza visual e iconográfica de forte identidade, sem perder sua feminilidade, assim como os nomes que nela figuram. Seja

abordando as trajetórias, penetrando no passado, resgatando produções, desmistificando mitos e enaltecendo visionárias no percurso do Design. O potencial do Design encontra na produção feminina um aliado poderoso na luta pela igualdade de gênero, e o projeto Design



REGISTRO TANIA VASCONCELOS

DETALHE DA SALA DAS PIONEIRAS

“AS MULHERES SEMPRE FIZERAM PARTE DESSAS CONSTRUÇÕES DESDE O INÍCIO, ATUANDO ENQUANTO ALUNAS, PROFESSORAS E PROFISSIONAIS”

por Mulheres convida o público a questionar e liberta-se de referenciais passados, exercitando o ato de seguir o contrafluxo e mergulhar em um mar de potencialidades e linhas vivas, apresentando esta história através de protagonistas. Uma história contada em constelações de cultura material e trajetórias singulares, com toda sua pluralidade entrelaçada e apresentada em um contexto e universo comum: Design por Mulheres.

IGNEZ FIUZA

UMA MULHER
REVOLUCIONÁRIA
E SEU PROFUNDO
PRAZER DE VIVER

Nascida em 1924, Ignez Fiuza é considerada uma das maiores incentivadoras da arte no Ceará.

Ignez foi, também, uma das primeiras a trabalhar com ornamentação e decoração de ambientes em Fortaleza.

Sobre esse talento, sua filha, Elizabeth Fiuza, recorda: “Quando criança e adolescente já era requisitada para a realização de arranjos de flores para embelezar as residências dos familiares. Também demonstrou, desde cedo, um afinado bom gosto pela arrumação de casas. Costumava ser chamada pelas amigas para dar dicas sobre como e onde colocar móveis, adornos, etc”. Com o tempo, e ainda casada com o médico anestesista César Fiuza, foi sendo convidada pelo Ideal Clube para ornamentar as datas festivas de aniversário do clube e da festa de réveillon, o que fazia junto com outras senhoras, mas sempre sob sua chancela. Nos idos de 1964, Ignez começou, mesmo que de forma discreta, a inovar no campo da arte. Ela criou, nos fundos de sua residência, o primeiro antiquário de Fortaleza, que batizou de Recanto



de Ouro Preto. O local passou, rapidamente, a ser conhecido e visitado, tanto por moradores locais como por turistas. Além de diversas antiguidades, Ignez, vez ou outra, colocava a venda quadros de artistas como Barrica, Aldemir Martins e Floriano Teixeira, com os quais desenvolvia desde já estreita amizade. “Ignez fazia ornamentações de clubes, casamentos, bodas e decorava interiores de casas. A venda dos quadros no Recanto de Ouro Preto constituía um negócio imbricadamente relacionado à decoração”, reforça Elizabeth. O ano de 1970 foi decisivo na vida de Ignez. Foi o amigo, Floriano Teixeira, que

a convenceu a criar uma galeria de arte com fins eminentemente comerciais. Assim, em 17 de julho de 1970, foi inaugurada a Galeria de Arte Recanto de Ouro Preto com a exposição de 20 obras de Floriano Teixeira. À medida que a galeria ganhava personalidade, foi rebatizada com o nome de Galeria Ignez Fiuza. Por meio da mesma, foram expostos trabalhos de artistas locais, e de artistas de reconhecimento nacional e internacional da envergadura de Tomie Ohtake, Burle Max, Volpi, Claudio Tozzi, para citar alguns. Assim, cumpriu o papel de educar olhares, forjar o mercado de arte e oportunizar a aparição de

novos talentos. “Numa época em que não havia profissionalismo nessa área, Ignez ficava sozinha batalhando em vários flancos e preparava cada exposição, cada evento como se fosse único, dando o melhor de si”, conta a filha. Nos anos seguintes, a Galeria muda de endereço algumas vezes até instalar-se, definitivamente, na Praia de Iracema, em 1993. Ignez sempre foi uma mulher à frente do seu tempo. Por essa razão, mesmo já sendo uma marchande reconhecida e aclamada, decidiu instalar, também na Praia de Iracema, o La Bohème. Os quadros da galeria foram afixados nas paredes do restaurante. Ou seja,

“

ALÉM DE DIVERSAS ANTIGUIDADES, IGNEZ, VEZ OU OUTRA, COLOCAVA A VENDA QUADROS DE ARTISTAS COMO BARRICA, ALDEMIR MARTINS E FLORIANO TEIXEIRA

”



ELIZABETH FIUZA ARAGÃO, IGNEZ FIUZA, TICIANA FIUZA E BEATRIZ PHILOMENO GOMES

arte e gastronomia se casavam num só lugar, de requinte e deliciosos sabores. Com o tempo, Ignez sentiu a necessidade de ampliar o espaço e montar um complexo composto de restaurante, bar, antiquário e galeria. O local virou um point de boemia e expressão da arte em várias linguagens. Por mais de 40 anos, Ignez esteve vinculada à arte, realizou em torno de 180 eventos, incluindo exposições de arte, lançamento de livros, discussões literárias e concertos musicais. Com 87 anos e aposentada após o fechamento do La Boheme, no Meireles, sentiu a necessidade de buscar novas ocupações. Matriculou-se nos cursos de filosofia e história do Instituto Viva. Lá, conheceu o professor de escrita memorial, Leocádio Araújo e o convidou para vir a ser mestre de um grupo de amigos em sua residência. Aprendeu a arte



da escrita e colocou no papel suas lembranças e memórias vertidos no livro “Jogando Conversa Fora”, de sua autoria, que regalou aos seus familiares na ocasião dos seus 90 anos. Ignez Fiuza, pode-se dizer, viveu de forma intensa. As palavras da filha Elizabeth ilustram bem: “Ignez foi uma mulher única, sempre fazendo algo novo, imprimindo refinamento e talento em tudo o que fazia. Não se permitia sossegar porque sua mente inquieta estava sempre trabalhando num novo projeto. Nunca deixou abater-se pelos desafios; era extraordinariamente corajosa, forte, resoluta, exigente, sábia e elegante e se fez muito presente na vida da família. Além de Elizabeth, Ignez é mãe de Ticiane, César Júnior, Marcílio e Luiz Eduardo, avó de onze netos e nove bisnetos.

“
 NUMA ÉPOCA EM
 QUE NÃO HAVIA
 PROFISSIONALISMO
 NESTA ÁREA, IGNEZ
 FICAVA SOZINHA
 BATALHANDO EM
 VÁRIOS FLANCOS E
 PREPARAVA CADA
 EXPOSIÇÃO, CADA
 EVENTO COMO SE
 FOSSE ÚNICO
 ”

Para alguns, apenas vista mar.
Para nós, uma verdadeira obra de arte.



SONATA



Reservas: +55 (85) 4006.1616

Fone: +55 (85) 4006.1600

www.hotelsonata.com.br

Av. Beira Mar, 848
Praia de Iracema - Fortaleza/Ce - Brasil

DENISE MATTAR

RIGOR NA
INFORMAÇÃO
E MOSTRAS
DEDICADAS AO
PÚBLICO COMUM

Formada em Filosofia pela USP, desde muito cedo teve contato com a arte. Com o passar do tempo e as experiências adquiridas, se tornou uma das mais respeitadas e admiradas curadoras brasileiras.

DE QUE FORMA COMEÇOU A SUA RELAÇÃO COM A ARTE?

No início, ao trabalhar com Giuseppe Baccaro numa casa de leilões eu era apenas a jovem que anotava os dados dos compradores, mas não demorou muito e logo estava ajudando na seleção das obras para os leilões. A seguir, mudei para o Rio e tive a oportunidade de trabalhar com Franco Terranova. Retornei a São Paulo, e, depois de um período mais dedicado à família, voltei para a arte e fui Diretora Técnica do Museu da Casa Brasileira, de 1985 a 1987. Quando terminou a gestão do presidente Roberto Duailibi fui convidada a exercer o mesmo cargo no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ficando até 1989. Em 1990, mudei-me para o Rio e lá fui “convocada” pelo Museu de Arte Moderna, tornando-me a curadora de artes plásticas, juntamente com Marcus Lontra. Lá exerci essa função por 7 anos.

NA DÉCADA DE 1990, VOCÊ SE DEDICOU A MONTAGENS QUE RESGATARAM GRANDES NOMES DA ARTE. O QUE DESTACAR?

Esses trabalhos foram os primeiros que fiz nessa nova fase independente. Propus ao Centro Cultural Banco do Brasil a realização de uma trilogia de centenários de nascimento: Di Cavalcanti (1997), Flávio de Carvalho (1999) e Ismael Nery (2000). Di Cavalcanti soube, como nenhum outro artista, exprimir o lirismo e sensualidade do nosso povo. Flávio de Carvalho tem uma obra que sobreviveu ao tempo, como nenhuma outra entre os nossos modernistas, e Ismael Nery tem a marca da dualidade, da densa luta entre religião e paixão. Nessas três mostras pude desenvolver uma linguagem própria que caracteriza meu trabalho como curadora até hoje.



DENISE NA INAUGURAÇÃO DA MOSTRA DA TERRA BRASILIS À ALDEIA GLOBAL NA UNIFOR

DE QUE MANEIRA O TRABALHO DE CURADORIA É REALIZADO?

O primeiro passo é a pesquisa. Faço um levantamento bibliográfico, de fotografias, vídeos e depoimentos. Cada escolha está baseada na pesquisa. O curador tem que preparar o roteiro de uma exposição, quase da mesma forma como se prepara o de um filme. Devemos trazer para o público a obra do artista de forma clara e sedutora. É necessário mostrar o processo, os períodos e fases por que ele passou e sua inserção no

momento histórico, político e social do país. Para alcançar esse objetivo, utilizo o recurso da cenografia. Ao projetar uma exposição, parto do princípio de que se está fazendo uma exposição não apenas para especialistas, mas também para o grande público. Produzo a montagem junto com um cenógrafo. Sempre divido a exposição em núcleos e com a ajuda da cenografia crio um percurso por onde o espectador tem que passar. Para tornar a exposição mais atrativa recorro a elementos do cotidiano como a exibição de vestuário e objetos de época.

FOTO GUILHERME ISNARD



CENTRO CULTURAL LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE SÃO PAULO

O QUE DIZER PARA ALGUÉM QUE DESEJA TRABALHAR NA ÁREA DA CURADORIA?

Digo que tem que estudar muito, pesquisar muito, driblar vaidades, cortar obras sem sofrer, escrever o mesmo texto de formas diferentes para catálogo, folder, texto de parede, press release, atender a todas as solicitações da imprensa, escrita, falada, mídias sociais, etc, e, principalmente, saber que em período de montagem não tem sábado, domingo, feriado e nem horário para sair. Mas, quando a exposição fica pronta, tudo vale a pena!

COMPARADO A OUTROS PAÍSES, COMO VOCÊ ANALISA O MERCADO DE CURADORIA NO BRASIL?

No Brasil, o curador não exerce somente a função de curador, que seria conceituar a mostra, indicar as obras e escrever textos. Aqui, você também tem que entender de produção e de captação de recursos, negociar os empréstimos, o seguro, discutir preços, encantar o patrocinador, senão não vai.

FALA UM POUCO SOBRE A CURATORIAL DENISE MATTAR.

A Curatorial foi criada em 1997 para que eu pudesse apresentar os projetos em editais. É uma empresa sintética e com um perfil bem atual. Não tenho funcionários, cada um trabalha no seu home



FOTO GUILHERME ISNARD

EXPOSIÇÃO YUTAKA TOYOTA MUSEU DE ARTE BRASILEIRA DA FAAP

office e temos encontros que se tornam mais frequentes conforme a realização da exposição se aproxima. Trabalho sempre com as mesmas pessoas, mas somos todos independentes e temos projetos pessoais.

AO LONGO DA CARREIRA,

VOCÊ JÁ RECEBEU

DIVERSAS PREMIAÇÕES.

QUAIS DELAS DESTACARIA?

Das instituições, no período no qual trabalhei, o Museu da Casa Brasileira recebeu o Prêmio ICOM e o MAM-RJ recebeu o Prêmio Estácio de Sá. Como curadora independente recebi 3 prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) pelas retrospectivas de Flávio de Carvalho, Ismael Nery

e Samson Flexor e 2 ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte) pelo Ismael Nery e pela mostra Memórias Reveladas (FAAP). Todos foram muito significativos para mim, pois é o reconhecimento do trabalho.

QUAIS OS ATUAIS

PROJETOS?

Preparo uma exposição para a Unifor cujo tema é a mulher (O Preço da Sedução - Do Espartilho ao Silicône), e reúne obras de arte, publicidade, trajes de época, cinema. É uma exposição multimídia, que levanta questões que são ao mesmo tempo atualíssimas e eternas. Uma versão dessa mostra foi realizada em 2004 no Itaú Cultural, em São

Paulo. Dessa vez, ao lado de uma Universidade poderemos interagir com os cursos de história, moda, publicidade, antropologia e cinema.

“

PREPARO UMA EXPOSIÇÃO PARA A UNIFOR CUJO TEMA É A MULHER (O PREÇO DA SEDUÇÃO - DO ESPARTILHO AO SILICONE), E REÚNE OBRAS DE ARTE, PUBLICIDADE, TRAJES DE ÉPOCA, CINEMA.

”

UM MUNDO DE POSSIBILIDADES PARA COLORIR SEUS MELHORES MOMENTOS.

Seu dia a dia merece
as melhores cores.
Para isso, a Fortaleza
Tintas tem imensa
satisfação em levar
mais cor à vida de
seus clientes, parceiros
e colaboradores.
Final, são 45 anos
oferecendo produtos
de qualidade
e um atendimento
com a atenção
que você merece.
Tudo para que continue
sendo sua patrocinadora
oficial das cores.

  fortalezatintas
fortalezatintas.com.br

 **FORTALEZA
TINTAS**
Patrocinadora Oficial das Cores

ANTENOR LAGO

TRABALHO
CONTEMPORÂNEO
E CONTEÚDO
SIMBÓLICO



baiano Antenor Lago, nascido em Mataripe, distante 50 quilômetros de Salvador, é desses artistas que nos fazem enxergar a beleza nas formas simples. Dono de simpatia, conversa franca

e um exímio talento, sua relação com a arte começou bem cedo, durante as aulas de geografia do colégio. “Costumava desenhar mapas para os colegas e ganhava meu lanche com o que arrecadava, já que, antigamente, tínhamos que desenhar tudo, pois ainda não havia computador”. Sua primeira exposição de desenho a bico de pena aconteceu em 1969, durante os estudos no Colégio Central, na capital baiana. “Na sala de aula eu fazia caricatura dos professores e, Bené Bonfim, um colega, viu e me convidou para expor na Feira de Ciências do Colégio, onde ganhei um prêmio”. Após esse momento,

o jovem percebeu que a busca pelo conhecimento era, de fato, muito necessária. Foi aí que decidiu estudar na Escola de Belas Artes, de Salvador. No local, além de conviver com importantes artistas que lá lecionavam, aprendeu técnicas de xilogravura, pintura, desenho e escultura. Com as informações adquiridas e com a prática conquistada, Antenor sentiu a necessidade de buscar novos ares. E é aí que sua relação com São Paulo, onde viveu por 22 anos, começa, de fato, a se desenhar. Na capital paulista, para onde se mudou em 1973, seu trabalho com a arte ganhou novos contornos. “Durante o dia colocava uma pasta de desenho debaixo do braço e saía vendendo em casas de decoração e galerias de arte”,

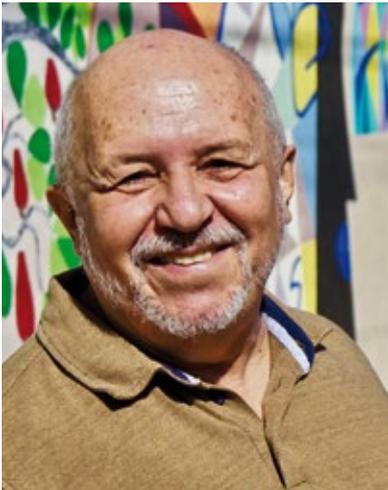


FOTOS TIBICO BRASIL

GRAFITE NO MURO DO INSTITUTO NORDESTE CIDADANIA AV. DR. SILAS MUNGUBA / ITAPERI / FORTALEZA/CE

relembra. Ao longo do tempo, Antenor teve a oportunidade de adquirir muita experiência, uma vez que trabalhou em algumas das mais importantes galerias de arte e ateliês paulistas. “Convivi com artistas reconhecidos e aprendi muito com todos eles, a citar: Ivald Granato, Evandro Jardim, Baravelli, Ubirajara Ribeiro, Antônio Henrique Amaral, Antônio Lizárraga, Gerty Saruê, Claudio Tozzi, Antonello L’Abbate, Maria Perez Sola, Marilu Beer e Aldemir Martins”. Durante uma de suas exposições, na

“
A ARTE NOS ELEVA AO
SAGRADO E AO PROFUNDO
SENTIMENTO DE
ESTAR VIVO
”



ANTENOR LAGO É FORTEMENTE INFLUENCIADO POR ELEMENTOS DA ARTE INDÍGENA, AFRICANA, POPULAR E PELA HISTÓRIA DA ARTE

galeria Eucatex, em São Paulo, o arquiteto uruguaio Luís Garcia Pardo viu seu trabalho com o desenho e o convidou para expor em Maldonado Punta del Este, no Uruguai, onde recebeu um prêmio internacional. A partir daí, o talento de Lago ultrapassava as barreiras geográficas. Ao sair de São Paulo, o artista decidiu que moraria no Ceará, mais precisamente, em Fortaleza. Na terra da garoa, Antenor fez cursos de filosofia, história da arte e gravura em metal, entretanto, um de seus desejos era cursar uma graduação. E foi assim que optou, em 2002, pelo curso de Artes Plásticas pelo antigo Cefet-CE. Apesar de passear por diversas técnicas, o trabalho de Antenor está fortemente pautado na gravura e no desenho. “A aquarela é uma linguagem que me move como desenhista e, atualmente, estou realizando uma série de aquarela e colagem com rendas de bilro (exposição que acontecerá ainda este ano)”, conta. Com relação à gravura, Lago já imprimiu folhas de árvores em filtros de café. Além disso, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, abordou a gravura não apenas como incisão, mas também, como ato de registrar uma ação ou um momento de

GENTE DE TODAS AS CORES COM VÁRIAS CORES



PERFIL DE NEGRO





CABEÇAS

diversas formas: o calor do sol sobre a pele, a oxidação de peças de ferro sobre filtro de café, gravando a ferrugem e marcas fixadas na areia. Desde o início, o trabalho de Lago é fortemente influenciado por elementos da arte indígena, africana, popular e, também, por toda história da arte, seja ela abstrata, conceitual, acadêmica, moderna, art brut ou mesmo a Pop Art. Além de exposições realizadas no Brasil e em outros países, seu nome figura em alguns dos mais notáveis eventos do segmento, sendo premiado em muitos deles. É por tudo isso que Antenor Lago conquista, a cada dia, admiração do público, bem como reconhecimento e respeito da crítica especializada.

“

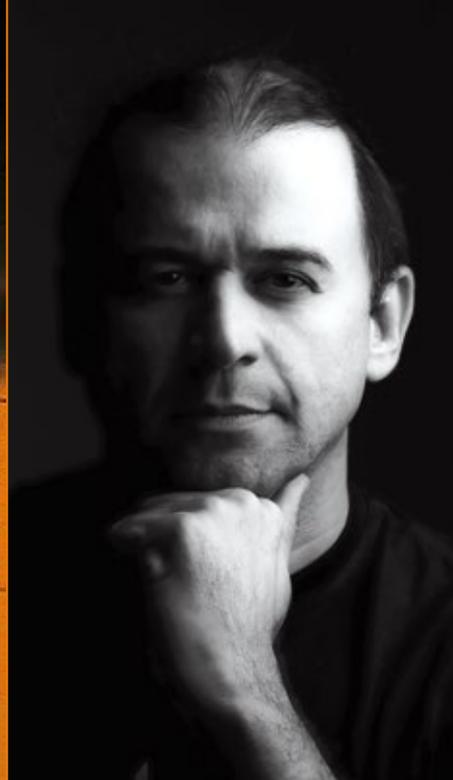
DESDE O INÍCIO, O TRABALHO DE LAGO É FORTEMENTE INFLUENCIADO POR ELEMENTOS DA ARTE INDÍGENA, AFRICANA, POPULAR E, TAMBÉM, POR TODA HISTÓRIA DA ARTE

”

LEO HENRIQUES

LEO HENRIQUES

A FOTOGRAFIA
COMO FORMA DE
VER E VIVENCIAR
O MUNDO



Natural de João Pessoa, na Paraíba, Leo Henriques é, atualmente, um dos principais nomes da fotografia no Ceará. Formado em administração de empresas, atuando na área de coordenação e produção cultural com projetos aprovados pelas Leis de Incentivos Fiscais Estadual e Federal, como o Mecenato e a Lei Rouanet. Vindo de uma família numerosa, formada por intelectuais, professores, médicos, comerciantes, religiosos e artistas, ele afirma que herdou de sua mãe, Stella, o amor pela arte. “Minha mãe, sempre presente e calorosa, tocava piano e pintava quadros à óleo, algo que até hoje ela costuma fazer. O meu interesse, a minha paixão e a profunda admiração pela pintura, desenho e música, como formas de expressão, vieram por influência dela. Minha filha, Isabelle, está seguindo o mesmo caminho da arte. Cursa a faculdade de Arquitetura e Urbanismo e tem um olhar muito bom para a fotografia”, afirma.

“

FOTOGRAFAR É O TESTEMUNHO DA NOSSA
EXISTÊNCIA, É A EXPERIÊNCIA DA NOSSA
TRAJETÓRIA POR ESTE MUNDO. FOTOGRAFAR
É IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

”



Com apenas oito anos de idade, Leo já tinha o hábito de desenhar tudo que encontrava pela frente. Segundo conta, gostava muito de animais e começou a reproduzir coleções sobre o reino animal, desenhando aqueles que mais gostava como os grandes felinos. “Em seguida, passei a criar personagens e a desenhar histórias em quadrinhos”, lembra. Por todas essas aptidões e pelo tão presente interesse artístico, o início na fotografia aconteceu de maneira bastante natural. Ainda pequeno, durante as viagens em família ou durante as festas de aniversário, era ele o responsável pelos registros dos momentos. “Até hoje tenho uma câmera Olympus Trip, presente do meu pai”, diz. Esportista desde jovem, outra paixão era fotografar esportes que praticava na época, tais como: surf e skateboard.



PAU DA BANDEIRA

“Mas era um hobby muito caro, pois as fotografias tinham que ser reveladas e ampliadas e acabava gastando toda a mesada com isto”, diverte-se. O tempo foi passando e o que era apenas passatempo virou profissão. Hoje, Leo Henriques atua fortemente no campo do fotojornalismo e na fotografia documental. De acordo com ele, suas preferências são registrar pessoas e seus sentimentos. “Meu principal objetivo é transmitir, através das imagens, sentimentos de respeito, carinho e admiração pelo ser humano e pelo mundo que ele está inserido e que, muitas vezes, é desconhecido”, assevera. Além disso, Leo tem trabalhado fortemente no ramo da fotografia de arquitetura e decoração. Nomes como Sebastião Salgado, Robert Capa, Henry Cartier-Bresson e Ansel Adams são suas maiores influências na fotografia.



POVOS DO MAR



POVOS DO MAR



MYSTIKOS

Ao longo da carreira, conquistou prêmios e reconhecimento. Entre um dos mais especiais está o de 1º lugar recebido da Associação Cearense de Imprensa (ACI) pelo trabalho fotográfico “Retrato de Miséria”, na categoria Fotojornalismo, no ano de 2003. Quando indagado sobre o atual mercado da fotografia brasileira, Leo é categórico: “O mercado de fotografia no Brasil cresceu bastante nas últimas duas décadas. Existe muito investimento nessa área com grandes produções e fotógrafos cada vez mais especializados.

“
LI CERTA VEZ QUE
O QUE NÃO SE
PODE VER NÃO SE
PODE MUDAR
”



POVOS DO MAR

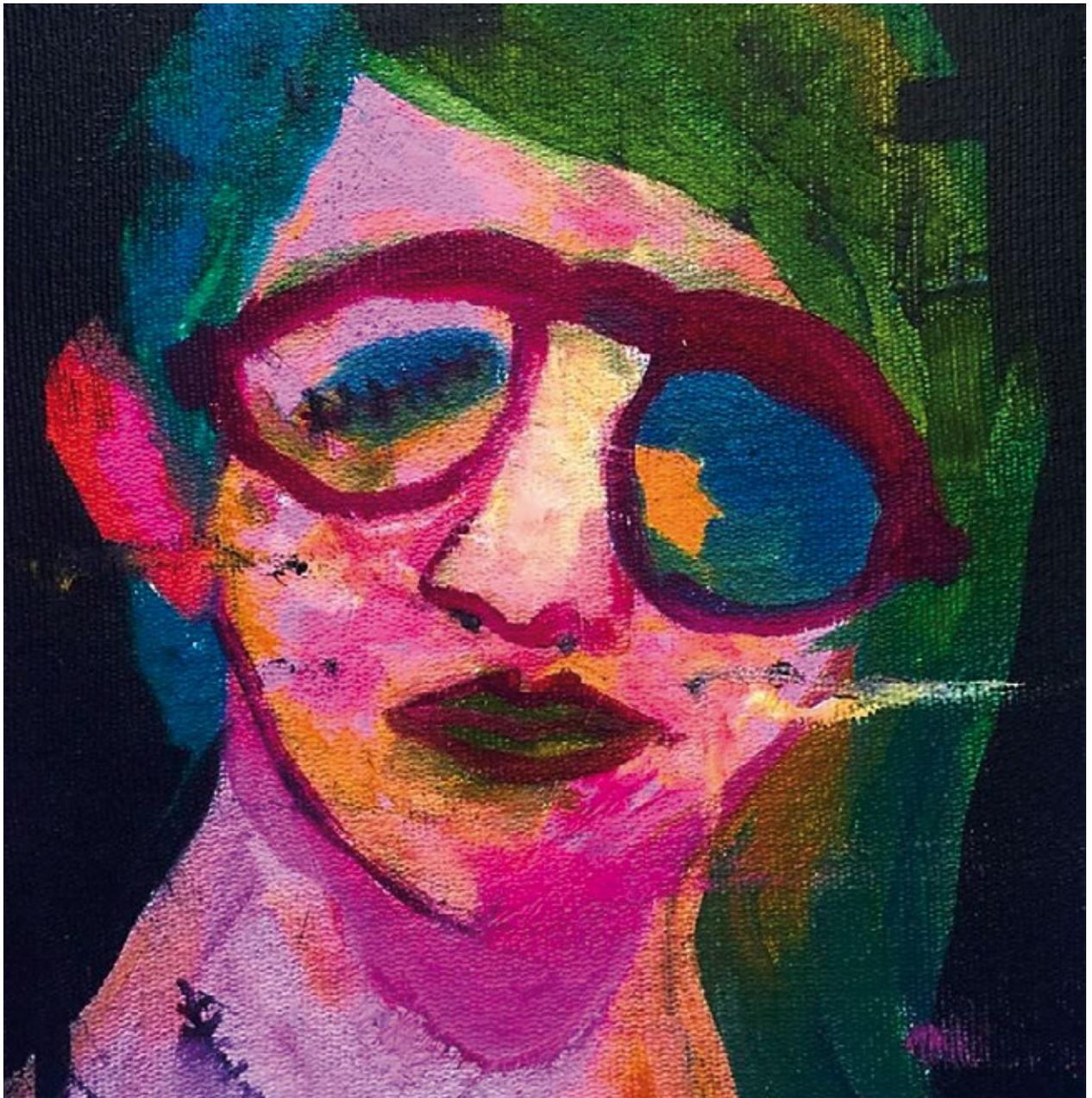
Hoje, com a chegada das câmeras digitais e de cursos de fotografia voltados a área é possível contratar profissionais para todos os bolsos e gostos, porém, não implica que o cliente terá qualidade no serviço prestado”. E completa: “Cabe ao bom profissional trabalhar no diferencial ao prestar o serviço e driblar a concorrência”.



POVOS DO MAR

AZUHLI

DESCONSTRUINDO
E RESSIGNIFICANDO A ARTE

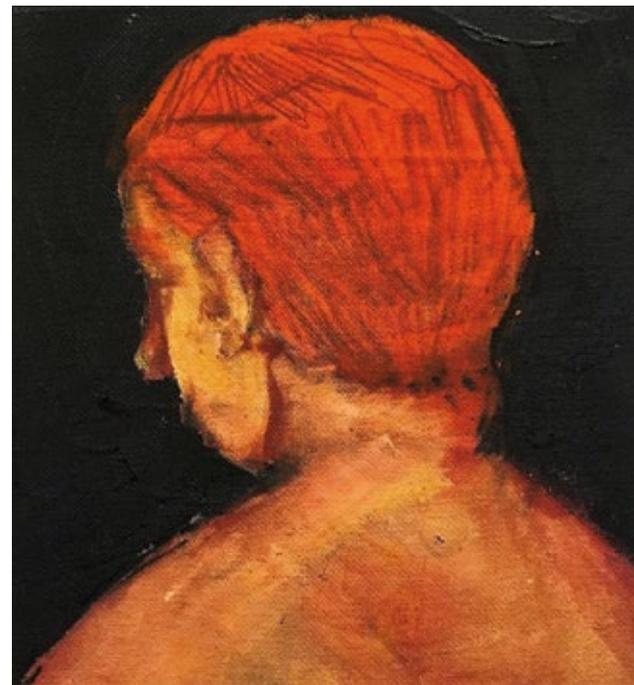


AUTORRETRATO 2015



AS CORES QUE EU TE DEI 2018

Luíza Diogo Veras é dessas artistas que nos fazem entender que o belo ou o “esteticamente aceitável” são apenas padrões estabelecidos e não representativos de um sentido único. Aos 23 anos, Azuhli (pseudônimo e anagrama de seu nome) entende que a liberdade artística é o que, de fato, concede razão ao seu trabalho. “Da pincelada livre ao comprometimento com a desconstrução da pintura. Tudo me possibilita liberdade”, afirma. Nascida em Fortaleza e residindo atualmente em Buenos Aires, sua produção é permeada pela urgência, resignificação e apropriação do corpo humano. Suas obras representam o corpo feminino como ele é, e não da forma que o público encara como correta. A relação de Luíza com a arte vem desde muito cedo. Inicialmente com o desenho e, por volta dos sete anos de idade, com a paixão pela fotografia que, até hoje, é um traço bastante forte em sua caminhada (um de seus principais hobbies é captar pessoas em movimento). Um pouco mais tarde veio a pintura e, dessa maneira, Azuhli montou o seu cartel de experiências e práticas. “Lembro que minha primeira série de desenhos veio de uma vontade inexplicável de congelar uma parte das pessoas



ESTAR COM O CORAÇÃO PREPARADO PARA O REMEXER QUE ACONTECE EMBAIXO DA ONDA 2018



AO SEU DISPOR 2018

e eternizar aquele momento, tão cotidiano, em detalhes de uma pintura”, lembra. Suas pinturas nos possibilitam um novo olhar, com seus corpos, muitas vezes mutilados, que trazem o questionamento do significado lúdico das ‘cicatrices invisíveis sobre tela’, como ela mesmo gosta de chamar. É a explicação, conforma conta, é clara: “As deformações são os traumas, os gritos interrompidos e a dor que cada pessoa sente e não pode deixar esvair”. Azuhli assevera que disciplina, esforço e estudo são os elementos que determinam seu processo

criativo. “Gosto de pensar que somos uma equipe, eu, meus pincéis, as tintas, o ventilador do ateliê, as telas em branco, as telas incompletas e minha cabeça”. Entre suas principais influências artísticas estão nomes como: Matisse, Leonilson, Louise Bourgeois e Frida Kahlo. Em Fortaleza, a artista faz questão de citar Andréa Dall’olio, Rian Fontenelle e Guilherme Freire. “Todos esses artistas, mesmo os que já não vivem, carrego comigo o tempo inteiro. Acredito na produção que é feita de referências, das mais diversas, pois é um caminho

árido e cheio de dificuldades”, destaca. Sua primeira exposição individual, intitulada “Aqui é o amor”, aberta no dia 14 de novembro, no prédio Estoril, possui obras que retratam a vida como ela é, com pessoas no seu estado de conforto, em sua vida real, com cores vivas que mostram a saudade, a beleza e a importância do dia a dia de cada um. Outro ponto que merece destaque são as cadeiras vazias, marca registrada da artista, que representam a ausência de presença emocional, espiritual e mental da pessoa que está “ali”, onde sua mente e coração estão longe, vivendo um mundo apenas seu, onde nada a sua volta lhe causa efeito algum. Azuhli é, certamente, uma artista que tem muito a mostrar, muito a encantar e, principalmente, muito a nos fazer buscar novos caminhos para a arte.



JUSSARA REGÁS

TRADIÇÃO
FAMILIAR COM
TOQUES DE
MODERNIDADE

Nascida no Rio de Janeiro, Jussara Regás representa a 3ª geração da família de ourives que está à frente da Maison J.Regás, fundada por Joaquim Regás em 1975 e, ainda hoje, considerada uma das mais bem sucedidas empresas no segmento de joias. Jussara cursou administração e, em 1997, começou a trabalhar na J. Regás no setor administrativo. Entretanto, com o passar do tempo, a arte de criar joias, já presente no sangue familiar, começou a interessá-la. “Comecei a fazer meus primeiros desenhos em 1998 e fiquei surpreendida com os resultados. Os clientes me deram um feedback muito positivo e isso me deu forças para continuar”, recorda. A relação de Jussara com a cidade de Barcelona sempre foi muito forte.



COLAR
BRASILIDADE
COM PEDRAS
BRASILEIRAS

FOTOS CÉSAR MARTI



ANEL JANGADA
OURO BRANCO,
BRILHANTES
E TOPAZIO
(PRÊMIO IBGM)

Prova disso foi que, em 1996, ela chegou a fixar moradia, onde conviveu com seu avô joalheiro e sua tia Rosa Maria, da mesma profissão. “Desde criança tenho ido constantemente a Barcelona. Meu avô Francisco Regás, o pioneiro da família na arte da joalheria, tinha um atelier que funcionava em um dos bairros mais antigos da cidade”, diz. Apesar de a Maison J.Regás ter sido criada por Joaquim Regás, pai de Jussara, o amor pelo trabalho com as joias começou ainda com seu avô. Assim como Jussara, Joaquim herdou o gosto e a aptidão pelas joias, sempre com acurada sensibilidade no campo das artes aplicadas. Jussara Regás é, hoje em dia, um dos nomes mais fortes quando o assunto é design de joias, além de ser responsável por assinar mais da metade das criações da Maison. Seu trabalho tem como pontos primordiais o senso de estética, o refinamento e a versatilidade, como por exemplo, peças que podem ser transformadas dependendo da ocasião. Junto com a história de tradição, veio a modernidade da produção, uma vez que, para total perfeição das peças, ela utiliza a tecnologia da impressora 3D.



**BRINCO
BRASILIDADE**
OURO COM PEDRAS
BRASILEIRAS

**PULSEIRA MADEIRA COM
PEDRAS BRASILEIRAS DA
COLEÇÃO BRASILIDADE**



FOTO NICOLAS GONDIM

**JUSSARA REGÁS É, HOJE EM
DIA, UM DOS NOMES MAIS
FORTES QUANDO O ASSUNTO
É DESIGN DE JOIAS**



FOTO NICOLAS GONDIM

“A tradição, entretanto, não é deixada de lado, afinal, para a finalização do produto, existe um acabamento manual muito qualificado”, assevera Jussara. Em 2004, a designer foi premiada como uma das 10 melhores do Brasil, sendo a única do Nordeste, no XII Prêmio de Design de Joias promovido pelo Instituto Brasileiro de Gemas e Metais preciosos (IBGM). “Isso foi um marco muito importante na minha carreira. A partir desse prêmio lancei toda uma coleção chamada Jangadas”. Anualmente, são lançadas duas coleções que demoram, em média, de três a quatro meses para serem finalizadas e que têm, como elementos de destaque, a exclusividade e o requinte. Antes da produção de qualquer peça, com o intuito de manter a excelência, é realizado um vasto estudo, com a elaboração de inúmeros desenhos. Ouro branco e amarelo, prata, brilhantes e pedras brasileiras são os principais materiais utilizados por Jussara para serem transformados em anéis, brincos, pingentes, colares e pulseiras. Recentemente, Jussara Regás foi convidada pelo Grupo Mujeres Brillantes, do qual faz parte, para participar da Feira MadridJoya, na Espanha, e expor peças exclusivas. Para a ocasião, ela desenvolveu a coleção Brasilidade, inspirada nos elementos tropicais brasileiros. Durante a viagem, visando aprimorar os conhecimentos sobre gemologia e classificação dos brilhantes, Jussara também participou do curso “The Engagement Ring: History, Gemology, and Know-How”, na instituição parisiense L’École Van Cleef & Arpels.

“

JUNTO COM A HISTÓRIA DE TRADIÇÃO, VEIO A MODERNIDADE DA PRODUÇÃO COM A UTILIZAÇÃO DA IMPRESSORA 3D.

”

CARLOS LEBRAN

CERÂMICA E ESCULTURA COM
ALMA CONTEMPORÂNEA



Desde bem pequeno, o fortalezense Carlos Lebran já dava os primeiros sinais de que, no futuro, sua vida teria forte relação com

a arte. Ainda com pouca idade, um de seus passatempos preferidos era criar pequenas figuras de barro que eram caricaturas de seus tios e avós. “Gostava da experiência de criar, desenhando no papel ou modelando na plastilina, uma massa de modelar a base de óleo”, recorda. Sobrinho-neto da grande artista cearense Heloísa Juaçaba, Lebran afirma que, além de inspiração, o parentesco com Heloísa sempre foi motivo de muito orgulho. “Tia Heloísa sempre esteve envolvida com o cenário da arte local. Muitos dos grandes artistas locais que temos já vieram me falar que o apoio a eles dado por Tia Heloísa foi fundamental em suas carreiras”, orgulha-se. Carlos seguiu um caminho natural para se tornar o artista que é hoje, reconhecido e em plena ascensão. Enquanto cursava a graduação em Turismo, surgiu a oportunidade de realizar um intercâmbio na Espanha, na Universidade de Salamanca, uma das três mais antigas do mundo. Porém, ao chegar e de forma bastante natural, optou por estudar desenho e

O ÊXTASE BRONZE
81 x 56 x 37CM / 2013



FLORECER BRONZE / 1,73M x 83CM x 50 CM / 2017

“

ALÉM DA NATUREZA E DO CORPO HUMANO,
AS CULTURAS ANTIGAS, SUAS TRADIÇÕES,
MITOS E LENDAS PERMEIAM MEU TRABALHO

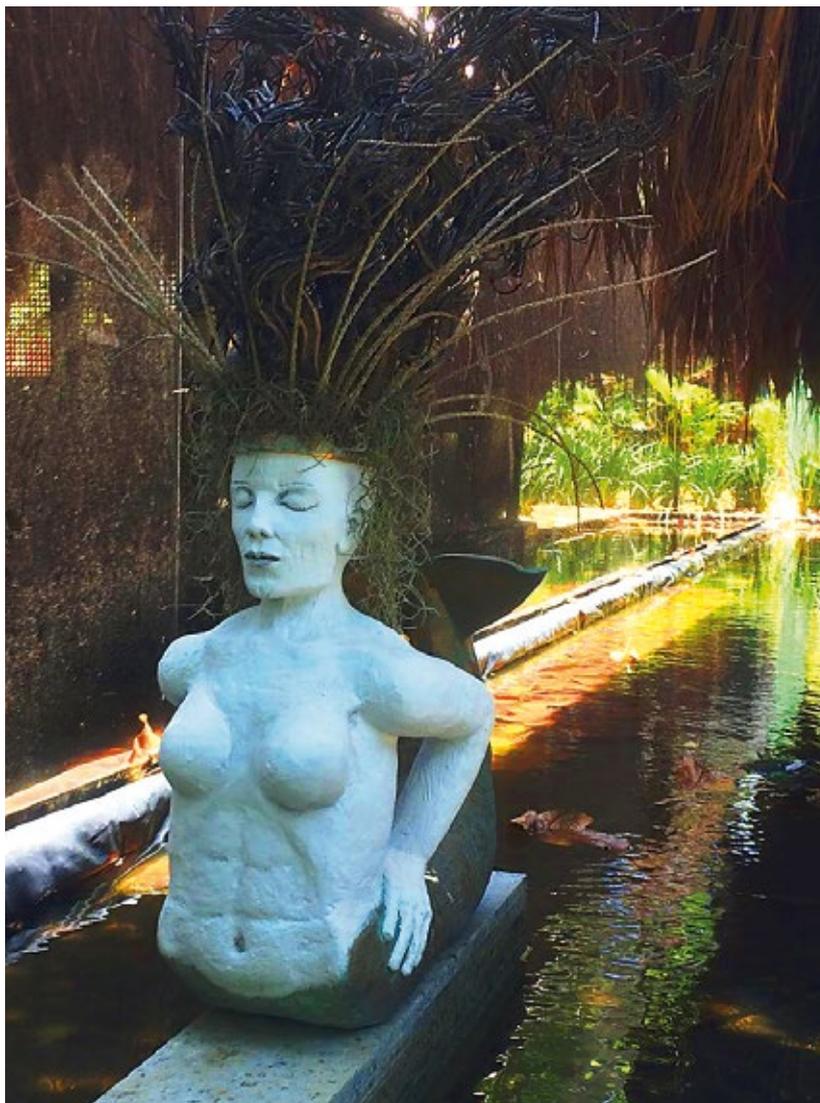
”

escultura, disciplinas que faziam parte do curso de Belas Artes. Logo que retornou ao Brasil, em 2004, deu continuidade às suas pesquisas em escultura e cerâmica, bem como outros materiais escultóricos que pudessem ser encontrados no Ceará. Em 2008, resolve enveredar de vez pelo caminho artístico e se matricula no curso de Belas Artes da Universidade de Fortaleza (Unifor). A capacitação apenas aflorou o talento já existente e, a partir daí, percebeu que sua estrada – e sua vida - teriam, de fato, a arte como força motriz. Escultor e ceramista, Lebran já experienciou de tudo um pouco quando o assunto é técnica e material. Como escultor, já esculpiu madeira, utilizando tanto a motosserra como as goivas e formões. Com a argila já produziu peças em cerâmica, e, através do processo dos moldes, reproduziu em gesso, resina, bronze e fibra de vidro. “Na cerâmica tudo me interessa, do utilitário ao decorativo. No caso do utilitário, quando produzo, sempre vêm as figuras agregadas, assim como era feito pelas antigas civilizações. Não para decorá-lo, mas para dar uma identidade, um significado, podendo ou não estar relacionado com o propósito da peça”, reforça. Durante cinco anos, Carlos Lebran trabalhou no ateliê de sua tia, Celina Queiroz, e foi lá que suas primeiras

“

SOMOS CAPAZES
DE REALIZAR O QUE
QUISERMOS, BASTA
ACREDITAR E SE
DEDICAR

”



SEREIA CERAMICA COM PÁTINA, GALHOS E
CACHO DA PALMEIRA / 1,52 CM x 0,80 CM x 0,62 CM

peças foram produzidas com a utilização de um forno para altas temperaturas. Com relação às maiores influências artísticas, conta que Cícero Simplício do Nascimento, o Cizin, bem como Zenon Barreto e Mestre Noza foram nomes importantes em sua jornada de descoberta artística. “Atualmente, busco influência na

contemporaneidade, na escultura em particular. Admiro muito as produções de Charbonnel, George Lafayette, Javier Marin, Bruno Walpoth, entre tantos outros. Somos influenciados por tudo que está ao nosso redor, pelo que nos cerca”, assevera. Recentemente, o artista realizou uma reforma em seu estúdio e equipou uma

das salas para possibilitar aulas de cerâmica e escultura, além de adquirir um forno para alta temperatura, possibilitando a queima e esmaltação no próprio estúdio. “Com isso, pretendo aumentar a produção de peças em cerâmica, tanto minhas como daqueles que venham a frequentar a oficina”, diz.

URBAN ARTS

ARTISTAS
DE TODO O
BRASIL

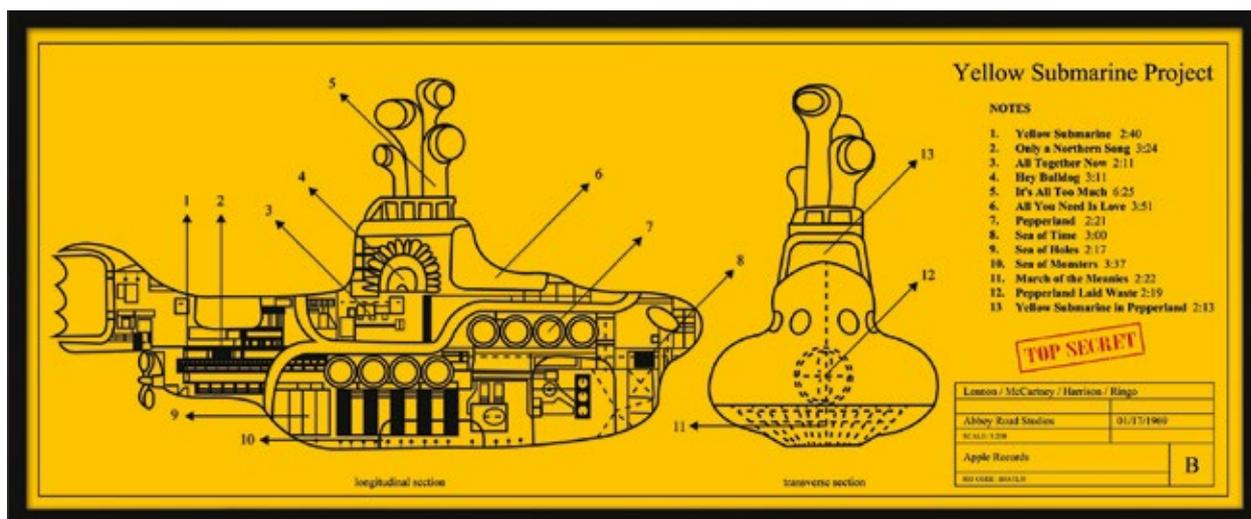


OH! NÃO TEM WI-FI / GAROTA RETRO



JOHN NO MARACATU

hábito de decorar casas e apartamentos imprimindo um estilo próprio tem se tornado cada vez mais comum. Na intenção de criar um ambiente que expresse a personalidade do dono valem objetos, posters, móveis das mais variadas formas e cores e, principalmente, com estampas e artes exclusivas. A ideia de juntar em uma única galeria, seja online ou física, vários artistas e criações, disponibilizando um grande acervo, existe desde 2004 com a criação da Urban Arts, hoje a maior loja virtual de objetos de decoração do país, com franquias em diversas praças como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Teresina, Belo Horizonte, Salvador, Belém, Recife e Brasília. A proposta da marca é democratizar a arte de maneira respeitosa e acessível a todos, diminuindo a distância entre o consumidor contemporâneo



YELLOW SUBMARINE PROJECT



da cidade moderna brasileira e centenas de artistas de todo o mundo. O sucesso da badalada Oscar Freire, em São Paulo, chegou em Fortaleza. Concebida e dirigida por André Diniz, sobrinho do empresário Abílio Diniz, a galeria mais pop do Brasil já se tornou referência no mundo da arte digital e da ilustração, com 14 franquias espalhadas pelo Brasil. Quem está à frente do investimento na capital cearense é Camila Feitosa, arquiteta e urbanista. A loja funciona na rua Barbosa de Freitas, 1050 - loja 5 e conta com um espaço de 170 m², onde são distribuídos os mais de 2500 itens de arte. A Urban Arts divulga e comercializa trabalhos de artistas, designers e ilustradores de talento. Atualmente, conta com um acervo de mais de 5000 artistas e cerca de 70 mil obras catalogadas a preços acessíveis. E, toda semana, novas peças são

apresentadas, formando a galeria mais democrática do Brasil, tendo em vista a diversidade de artistas e estilos. Lá, os amantes das artes poderão encontrar posters de artistas anônimos e de outros nem tanto, como de Ruben Ireland, Alexandre Reis, Francisco Weyne. Além de quadros e posters, a Urban Arts também comercializa adesivos de parede, skins para notebooks e celulares, imãs, sketchbooks, almofadas, camisetas e jogos americanos. A loja conta com posters a partir de R\$ 99,00, mas também poderão ser encontrados artigos a partir de R\$ 59,90. "Nossa loja é um ambiente para os apreciadores de arte e decoração se deliciarem. Não à toa montamos a franquia em um espaço amplo para possibilitar a apreciação das obras e objetos e deixar os clientes e visitantes bem à vontade.

JAILDO MARINHO

FORTALECENDO OS TRAÇOS
DA IDENTIDADE NORDESTINA

Nascido em Santa Maria da Boa Vista, Pernambuco, em 1970, Jaildo Marinho afirma que da infância suas maiores lembranças são “o grande vazio dos campos e a plenitude do Rio São Francisco”. Talvez tenham sido essas recordações que, apesar dos caminhos traçados, nunca o permitiram abandonar aspectos da identidade do Nordeste. Segundo ele, quando pequenino, gostava de construir objetos com as mãos, mas não conhecia nenhum artista. Somente aos 16 anos, o então garoto percebeu que aquilo que fazia era arte. Três anos depois a vida de Jaildo tomou rumos inesperados. Em 1990 foi para Recife estudar no ateliê de João Batista, na Universidade Federal de Pernambuco, e, em 1993, deixou Pernambuco e embarcou rumo a França, se instalando em Paris. Na capital francesa a produção artística foi ainda mais intensa.

FOTO XAVIER FORCIOLI



JABOTICABA
MÁRMORE BRANCO DE
CARRARA E ACRÍLICA
130 x 101 x 108 CM / 2017

“Chegando a Paris tive o privilégio de conhecer nomes como: Jesus Rafael Soto, Michel Seuphor, Carmelo Arden Quin e o crítico de arte René Massat, que me fizeram descobrir o trabalho do artista russo Naum Gabo e seu irmão Antoine Pevsner”, ressalta. Além deles, ainda destaca como grandes influências Leonardo da Vinci, Michelangelo, Monet, Malevich e os brasileiros Vicente do Rego Monteiro e Cícero Dias, seus conterrâneos. Além deles, ou melhor, antes deles, destaca: “Todo o artesanato da minha região teve enorme influência sobre a minha produção”. Pintor e escultor de grande talento e sucesso, Marinho revela que sempre buscou fugir do tradicional. Por exemplo, na pintura optou por criar volumes em cartão, madeira ou mármore. “Usando

estruturas vazadas e tinta acrílica, utilizando a geometria como forma criei um vazio para que a parede não seja mais um suporte, mas parte integrante da obra. E, mais recentemente, estou trabalhando com PVC e acrílica fazendo composições celestes”, diz. A escultura, por sua vez, é fortemente geométrica, com destaque para o mármore que, segundo ele, representa a “eternidade” e a cor que representa a “vida”. A escolha dos temas acontece de forma natural e intuitiva, porém, sempre apoiada em uma pesquisa aprofundada. Apesar de viver muitos anos em Paris, os traços da identidade nordestina nunca abandonaram sua produção. “Paris é um mundo de abertura intelectual, onde se encontram os mais influentes artistas, mas, de maneira inconsciente e cons-

“TENHO A INTENÇÃO DE TRABALHAR COM TEMAS LIGADOS AO MEIO AMBIENTE. A ARTE SEMPRE FOI REVELADORA NESTA TEMÁTICA”

FOTO BEÁTRIZ HATALA



4 STELAS PANAMA MÁRMORE BRANCO DE CARRARA E ACRÍLICA / 90 x 275 x 77 CM / 2015



FOTO PINAKOTHEKE CULTURAL-RIO

ciente, transporte para as obras minhas influências nordestinas”, conta. Recentemente, com “Origens”, composta por 11 esculturas, 11 quadros e 2 instalações, Jaildo deu ao público cearense a oportunidade de valorizar o trabalho manual das rendeiras do Ceará. Mesmo sendo um artista internacional, sua ligação com o Brasil sempre continuou forte. Prova disso foi a exposição, de 2017, no MAM do Rio de Janeiro. “Ser universal é uma consequência do desenvolvimento do meu trabalho. Mas este trabalho internacional só existe porque tem uma base regional. Essa exposição não poderia existir se eu não tivesse, na minha lembrança, os garimpos de ametistas da minha terra natal”, assevera. Por fim, como conselho aos jovens artistas: “Nunca esquecer que os verdadeiros sentimentos e sensibilidades do homem são seus primeiros gestos, sua crença, seu amor, seu conhecimento e sua intuição”.

QUADROS

FREIJO-JAUNE ACRÍLICA SOBRE MADEIRA
230 X 130 X 10CM / 2014-2017

FREIJO-JAUNE ACRÍLICA SOBRE MADEIRA
230 x 130 x 10 CM / 2014-2017

ESCULTURA

RIO-BLEU SÉRIE PALETTE
MÁRMORE BRANCO DE
CARRARA E ACRÍLICA
75 X 135 X 90 CM / 2014-2017

AZUHLI
ANDREA DALL'OLIO
ARTHUR CÂMARA
DIEGO DE SANTOS
FERNANDO FRANÇA
FRANCISCO DE ALMEIDA
GABRIEL PINHEIRO
GERSON IPIRAJÁ
HENRIQUE VIUDEZ
MARCO RIBEIRO
MÁRIO SANDERS
MARCOS ORIÁ
RENATO NOGUEIRA
SOLON RIBEIRO
THADEU DIAS
TÚLIO PARACAMPOS



📍 Av. Desembargador Moreira, 760 / SI 1308 / 1309 / Meireles
✉️ atendimentooperaarte@gmail.com
☎️ 85 3111 5378
🌐 /operaartecontemporanea.com.br
📱 /opera.arte

ōpera
ARTE CONTEMPORÂNEA

ISAAC FURTADO

MEDICINA, ARTES PLÁSTICAS E POESIA



AS PORTAS DA PERCEPÇÃO ACRÍLICA SOBRE MADEIRA / 2,20 x 2,20 M (DETALHE)

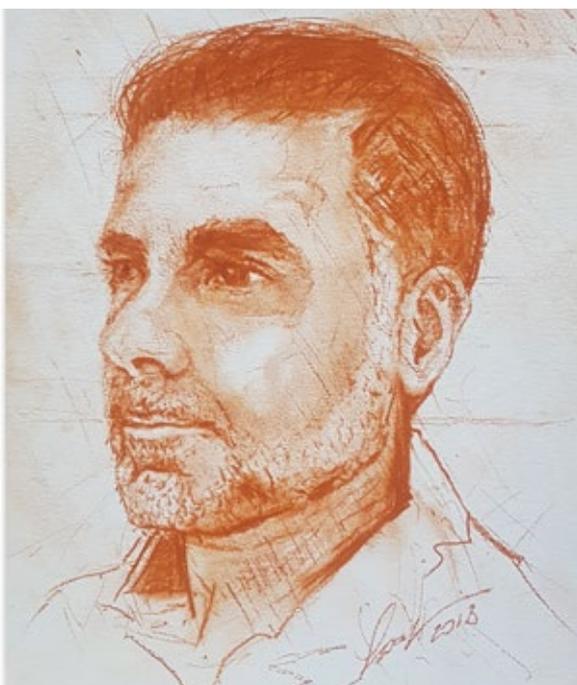
Nascido em Fortaleza, Isaac Furtado é um dos mais respeitados cirurgiões plásticos do Brasil. Com apenas 17 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, aos 23 anos, iniciou a primeira especialização em Cirurgia Geral no Instituto Dr. José Frota (IJF), em Fortaleza. Em seguida, especializou-se em Cirurgia Plástica no Serviço de Cirurgia Plástica do Professor Ivo Pitanguy, no Rio de Janeiro. Desde então, Isaac Furtado tornou-se referência em diversas técnicas e procedimentos da cirurgia plástica. Há 40 anos, no entanto, outra habilidade vem fazendo parte de sua vida: as artes plásticas. “Desde que me entendo por gente vivo a arte. Pintava guaches da Disney aos 6 anos e, aos 8, já fazia desenhos em perspectiva”, recorda. De acordo com ele, a iniciação na arte aconteceu no ano de 1978, com a técnica de tinta a óleo.

“TUDO É ESTÉTICA, BRINCO DIZENDO QUE APENAS TROCO O BISTURI PELO PINCEL”

Após esse período e até 1985, Isaac continuou com óleo fazendo temas regionais e sacros. “Na Faculdade de Medicina, devido ao tempo exíguo, comecei com aquarelas por serem mais rápidas. Depois, fui para tinta acrílica e hoje pinto com quase tudo, mas tenho muito gosto pela aquarela”, ressalta. Suas influências artísticas começaram a ser percebidas ainda cedo. “Meu primeiro contato com um artista, ainda menino, foi visitando aos sábados o atelier do Descartes Gadelha. Depois, peguei dicas de aquarela com Valber Benevides”, conta. Atualmente, suas maiores influências são museus e galerias visitadas in loco e virtualmente. “Em Fortaleza temos muitas opções de exposições, onde aprendo muito”, assevera Furtado. Observar os trabalhos de Isaac Furtado é ter a certeza de conseguir viajar pelos mais diversos temas. Segundo ele, isso acontece porque sua arte é realizada de forma muito natural, sem muita programação. “Já pinte aquarelas de fachadas com exposição individual em Roma, os mosaicos da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, quadros abstratos com exposição individual na Galeria Ink, no Shopping RioMar Fortaleza, e muitos outros temas, do retrato acadêmico à arte contemporânea”, afirma. Nessas quatro décadas de dedicação à arte, Isaac Furtado orgulha-se pelo fato de que a arte contemporânea possibilita questionar muitos aspectos, romper dogmas acadêmicos e estudar para melhor compreender a arte dentro do seu trabalho e no contexto mundial.



A INICIAÇÃO DE ISAAC FURTADO NA ARTE ACONTECEU EM 1978 COM A TÉCNICA DE TINTA A ÓLEO



AUTORRETRATO SANGUÍNEA SOBRE PAPEL / 29 x 21 CM.

No momento, Furtado realiza um trabalho de miniaturas em aquarela denominado Art for Fleas (arte para pulgas). “Já tenho mais de 500 miniaturas finalizadas. Em paralelo, existe um projeto de um grande mural para a Faculdade de Medicina da UFC. Faço encomendas de retratos, faço desenhos científicos, logomarcas e capas de livros”, diz. Outro talento é a poesia. Desde 2015, é membro da Academia Cearense de Médicos Escritores.

Conforme conta, a poesia é um processo construído através das imagens, e, como gosta muito de fotografia, às vezes, mentaliza versos através do momento que aquela imagem representa. “Já tenho dois livros, Mosaicos da Misericórdia (2009) e Caderno 47 (2014). Tenho outro pronto que será lançado em breve. Ser membro de uma Academia sempre nos deixa com mais responsabilidade com relação à nossa herança cultural”.

“

HOJE, A MEDICINA ME ABSORVE 90%, MAS OS 10% DAS ARTES VISUAIS SÃO INTENSOS À NOITE E NOS FINS DE SEMANA

”

ROMA E FLORENÇA

UM PERCURSO DE ARTE PELA ITÁLIA



COLISEU / ROMA

A arte italiana, herdeira das civilizações grega, etrusca e latina, desde os remotos tempos do Império Romano até os dias de hoje, ofereceu ao mundo uma profusão de maravilhas que fazem de uma viagem à Itália uma “peregrinação às fontes”. Com efeito, nenhuma fotografia ou pesquisas a sites de arte vai substituir o contato direto com as obras primas, capazes de proporcionar emoção e encantamento. Vamos à Itália! Entre tantas cidades repletas de riquezas artísticas, comecemos nosso percurso por Roma e Florença.

“

ROMA CONSERVA SEU PASSADO DE RIQUEZAS QUE FIZERAM DELA A PRIMEIRA CIDADE-MUSEU DO MUNDO

”

ROMA

Costuma-se dizer que Roma é um museu a céu aberto. E é verdade. A cidade é plena de História e de Arte. Capital de um império ao qual deu seu nome, sede do Cristianismo, Roma conserva seu passado de riquezas que fizeram dela a primeira cidade-museu do mundo. Percorrer suas ruas é voltar atrás no tempo. Obras testemunhas da Roma antiga, como o Coliseu, os fóruns Romano e de Trajano, o Pantheon, as ruínas das termas de Caracalla, monumentos que expressam seu valor histórico e artístico. A simplicidade e beleza das igrejas paleocristãs, construídas durante a Idade Média, como Santa Maria Maggiore, São Paulo Extra-Muros e Santa Sabina. A Igreja de San Pietro in Montorio, símbolo da regularidade renascentista, a praça do Campidoglio, concebida por Michelângelo e as magníficas igrejas barrocas, obras primas de Bernini e Borromini: Sant'Andrea del Quirinale, San Carlino e Sto Ivo alla Sapienza, entre outras. Isso sem falar nas obras da cidade do Vaticano do período: a basílica de São Pedro e a espetacular colunata da praça, considerada “o mais esplêndido dos teatros barrocos, o centro do mundo católico”, segundo o arquiteto Carlos Brandão (1999). Depois da exuberância barroca, o neoclássico do século XIX e a arquitetura moderna, presente na obra do ginásio Palácio dos Esportes, idealizada por



ESTÁTUA DO RIO TIBRE DEUS (TIBERINO) PRAÇA DO CAMPIDOGGIO DE MICHELANGELO / ROMA

Pier Luigi Nervi. São mais de 2000 anos de arquitetura, dos fóruns romanos às obras contemporâneas de Richard Meier (Igreja do Jubileu) e de Zaha Hadid (Museu Nacional de Arte do Século 21) e o extraordinário espaço para shows, o Parco Della Musica, concebido pelo arquiteto italiano Renzo Piano. Roma é, de fato, inesgotável em matéria de arte e, além da arquitetura, é possível se encantar com toda a produção de pintura e escultura, presente no exterior e interior das igrejas e nos inúmeros museus e galerias de arte. Apreciar “O êxtase de Santa Teresa”, de Bernini, na Igreja Santa Maria della Vittoria, o “Moisés” de Michelângelo, na igreja San Pietro in Vincoli. Percorrer o Museu do Vaticano é deixar-se seduzir

com preciosidades como “O Apolo de Belvedere” e “Laocoonte e seus filhos”, famosas esculturas da Grécia Antiga, além de obras primas de Rafael, como o afresco da “Escola de Atenas”. Vale entrar também na Basílica de São Pedro para admirar a Pietà de Michelângelo e o baldaquino barroco. Além, é claro, da incrível Capela Sistina com suas magníficas pinturas. A Galeria Borghese mostra todo o intenso dramatismo e exuberância das formas nas esculturas de Bernini, como “O Rapto de Prosérpina” e “Apolo e Dafne”. E ainda todo o acervo dos inúmeros museus da cidade: Vila Borghese, Museus Capitolinos e o Museu Nacional Romano, obra recente e famosa do arquiteto Rafael Moneo.

FLORENÇA

Segundo Giulio Carlo Argan, arquiteto e historiador de arte, em Florença, “a natureza inveja a arte”, quando as montanhas em volta da cidade se veem diminuídas ante a imponência e a beleza da cúpula de Santa Maria del Fiori. Projeto engenhoso de Brunelleschi, uma das pérolas do Renascimento italiano, a cúpula, com sua força plástica, “ergue-se acima dos céus”, em relação direta com a abóbada celeste e domina toda a paisagem florentina. Florença, capital da Toscana e berço do Renascimento, eleita Patrimônio

Mundial pela UNESCO, é até hoje um cenário privilegiado, repleto de magníficas obras de arte. No seu espaço urbano – praças e ruelas estreitas -, na sua arquitetura, nas esculturas presentes na cidade, nas pinturas dos grandes mestres do período. E até na natureza, com suas belas colinas e o rio Arno que atravessa a região da Toscana, ligando Florença ao Mar Tirreno. Cidade próspera e rica nos anos 1300 e 1400, Florença assiste, no período, a genialidade de artistas que vão, sob o patrocínio da família Medici, renovar completamente

as formas e as técnicas da arte italiana. Brunelleschi, arquiteto que revolucionou a arte de projetar, se revela nos projetos elegantes e precisos, como a Capela Pazzi, o Palácio Pitti, as igrejas do Santo Espírito e de San Lorenzo. Igualmente, Alberti, com a Igreja Santa Maria Novella e o Palácio Rucellai; Arnolfo di Cambio, com a Igreja Santa Croce e Michelozzo, com seu esplêndido palácio Ricardi, são outros artistas importantes, vistos a cada esquina da urbe. As portas do Batistério do conjunto de Santa Maria del Fiori, na Piazza del Duomo,



CATEDRAL DE FLORENÇA



ESTÁTUA DE DAVID DE MICHELANGELO / FLORENÇA

revelam a criatividade e perfeição da obra de Ghiberti, nas cenas do antigo Testamento. Na Basílica de San Lorenzo, belas esculturas de Michelângelo, como o túmulo de Giuliano de Médici e o incrível “Davi” na Galleria dell’Accademia. Ainda no que se refere à escultura, ricos exemplares permeiam a cidade, sobretudo aqueles na Piazza della Signoria, antigo (e atual) centro político de Florença e espaço central da cidade, onde se encontram o Palazzo Vecchio e a Loggia dei Lanzi, verdadeiro museu (aberto) de impressionantes esculturas. É imperdível uma visita à Galeria degli Uffizi, imponente edifício que abriga obras primas do Renascimento europeu. Pinturas de Botticelli (“Nascimento de Vênus”, “A Primavera”), de Leonardo da Vinci (“Anunciação”, “Batismo de Cristo”), de Rafael (Madona do Pintassilgo), Ticiano (“A Vênus de Urbino”), Parmigianino (“Madona do Pescoço Longo”) e a “Pietà” de Van der Weyden. Vale ainda conhecer, em Florença, o Palácio e Museu Pitti, imponente obra de Brunelleschi e os belos Jardins Boboli, logo ao lado. A ponte Vecchio, sobre o rio Arno, construída no século XIV, com sua silhueta original, de beleza única, com suas casas suspensas e repleta de pequenas ourivesarias. A biblioteca Laurenciana, curiosa obra maneirista de Michelangelo, junto ao claustro do convento de San Lorenzo. Pitoresca, bela e fascinante, Florença revela arte por todos os lados e encanta a todos! Vale a visita!

Beatriz Diógenes
Novembro, 2018

“ FLORENÇA, BERÇO DO RENASCIMENTO, ELEITA PATRIMÔNIO MUNDIAL PELA UNESCO, É, ATÉ HOJE, UM CENÁRIO PRIVILEGIADO ”



ARQUITETA E PROFESSORA DE HISTÓRIA DA ARTE DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFC



MARCELO ARRAIS
EMPRESÁRIO

SÉTIMA ARTE

QUANDO CINEMA E ARTE
AJUDAM A ESCREVER
A VIDA

Quando me foi aberto o espaço para assinar o editorial de encerramento da quarta edição da Revista Arte, logo tive a certeza de que se tratava de um espaço

para amadores, ou seja, aqueles que se enamoram da arte sem saber exatamente o porquê. O meu encanto

com a arte veio a partir do cinema. Certa vez, li que o cinema é considerada a sétima arte porque seria o resumo de todas as expressões do ser humano: movimento, som, fotografia, forma, cores e expressões. Mas este, certamente, é o máximo que posso chegar a falar de arte de forma mais analítica. Por meio da arte, penso que podemos ser grandes apreciadores da vida. Colecionadores de cores e luzes, como no filme *Amarcord*, do magistral cineasta italiano Federico Fellini. Sei que essa relação tão intensa com o cinema me possibilita um olhar, ao mesmo tempo detalhista e poético para a existência. Afinal, somos nós os responsáveis por escolhermos o caminho a seguir e as interpretações que desejamos dar durante essa caminhada. Gostaria de parabenizar toda a equipe da Revista Arte que, com dedicação e profissionalismo, possibilitam ao mercado mais uma bela edição. E, por fim, gostaria, mais uma vez, de fazer referência a Fellini, uma vez que uma de suas mais belas frases norteia, também, minha paixão pela arte e pelo cinema: “O cinema é um modo divino de contar a vida”.

“

ESSA RELAÇÃO
TÃO INTENSA
COM O CINEMA
ME POSSIBILITA
UM OLHAR, AO
MESMO TEMPO,
DETALHISTA E
POÉTICO PARA
A EXISTÊNCIA

”



Transplante Capilar

Medicina em forma de arte

Dr. Márcio Crisóstomo é cirurgião plástico com dedicação exclusiva ao transplante capilar e título de Especialista em Restauração Capilar emitido nos Estados Unidos pelo *American Board of Hair Restoration Surgery*. Desenvolveu técnicas cirúrgicas novas para calvícies avançadas, que o tornaram referência nacional e internacional na especialidade.

  @dr.marciocrisostomo | crisostomohair.com



MÁRCIO CRISÓSTOMO
transplante capilar • hair transplant

Diretor técnico:
Dr. Márcio Crisóstomo
CREMEC-CE 7164/RQE 4125





A ARTE DE
CONTAR A
HISTÓRIA
DO BRASIL

VISITE A EXPOSIÇÃO

DA TERRA BRASILIS À ALDEIA GLOBAL

COLEÇÃO FUNDAÇÃO
EDSON QUEIROZ
UNIFOR – 45 ANOS

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
ENTRADA GRATUITA

TERÇA A SEXTA,
9H ÀS 19H
SÁBADOS E DOMINGOS,
10H ÀS 18H
WWW.UNIFOR.BR



Apoio



MinAlba

Realização



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA



UNIFOR

MINISTÉRIO DA CULTURA

